

A mensagem das urnas

Não poderiam ter sido mais claros os resultados da eleição de 15 de Novembro: o povo brasileiro não aprova o regime autoritário. Deseja a volta à democracia e ao Estado de Direito. Isto foi dito com todas as letras em São Paulo. De cada 100 pessoas paulistas, 63 votaram na oposição; 10 recusaram-se a escolher candidatos e apenas 13 deram seu voto ao partido oficial. Um resultado destes, em um Estado como São Paulo, que representa 20% da população e mais de 30% da renda do País, deveria ser suficiente para levar o governo a restaurar, desde já, o regime democrático em plenitude. Mas São Paulo não está só no repúdio ao autoritarismo. A vitória da Oposição foi também e nítida em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Sta. Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, e Paraíba.

Em resumo, a Oposição venceu nos Estados que representam 65% da população brasileira e geram mais de 66% da sua renda.

Admitindo-se que todo poder enraça do povo e em seu nome deve ser exercido, que legitimidade terão os nossos governantes, eleitos, como foram, por processos tão artificiais e distantes da real preferência dos eleitores?

O futuro Vice-Presidente da República reconheceu publicamente esta situação, ao declarar, em Belo Horizonte, que não adianta "tampar o sol com a peneira" e que "o povo é soberano nas urnas". Se tais declarações não são uma farsa, mas traduzem o sentimento dos detentores do poder, é preciso tirar as consequências dessas palavras.

A crise de legitimidade, posta a nu de maneira cabal em 15 de Novembro, só poderá ter uma solução: a volta do País à normalidade democrática. Este processo, que vem se desenrolando de modo tão lento e ambíguo, nestes dois últimos anos, precisa agora adquirir ritmo rápido e vigoroso, porque este é o desejo manifesto do povo.

Esperamos que o novo Presidente, cujos poderes são tão amplos, tenha lucidez suficiente para captar essa mensagem e coragem bastante para tomar as medidas correspondentes.

Estamos certos de que si se decidir a tomá-las, de vez o processo político, não lhe faltará o respaldo de todos os setores da cidadania.

Ninguém jamais perdeu, neste País, por confiar na generosidade e compreensão do seu povo.

POR QUE A PERIFERIA?

Cândido Procópio Ferreira de Camargo

O SOCIÓLOGO se pergunta sobre as razões que levaram a Igreja de São Paulo a definir a periferia da metrópole como uma de suas prioridades. O que representa esta preferência? Quais as justificativas desta opção pela periferia e quais os frutos desta predileção?

Se a inspiração da prática pastoral dedicada aos mais humildes provém do Evangelho, o encontro dos homens que devem ser prioritariamente servidos pela Igreja depende de uma interpretação do processo econômico e social que seleciona os poderosos e os separa dos oprimidos de acordo com as regras de um sistema que predetermina esta seleção.

No capitalismo brasileiro alguns poucos acumulam riquezas, enquanto a grande maioria da população mal consegue se sustentar. A separação entre os privilegiados e os oprimidos processa-se fundamentalmente no trabalho, na maneira com os grupos sociais se inserem no processo cotidiano da produção econômica. Mas o que separa e opõe as classes sociais no trabalho também as divide no espaço urbano. A cidade cresce de modo desigual, construindo áreas privilegiadas, enquanto os mais pobres vivem na periferia, em situação de miséria, sofrendo as piores condições de vida. Estes últimos suportam as consequências do crescimento da cidade: mal conseguem arranjar uma moradia precária em ruas sem calçamento, sem água encanada, sem esgoto, sem iluminação e desprovida de segurança. De certo modo a desigualdade do tecido urbano expressa e reflete, no espaço físico, a injustiça instaurada na apropriação dos ricos e na exclusão dos pobres.

Evidentemente, nem todos os pobres e oprimidos moram na periferia, mas certamente a maior parte deles. Alguns são operários, esteio da criação da riqueza industrial produzida na cidade, outros são biscoiteiros, pequenos comerciantes, pessoas que trabalham irregularmente e sem segurança de emprego. Chamados de "marginais", constituem, entretanto, parcela integrante do complexo sistema de expansão econômica de São Paulo. Esta população não é encontrada nas fábricas. Em geral não tem emprego fixo. A incerteza de achar trabalho e obter sustento

marca suas vidas com angústia e insegurança. É a população mais miserável da cidade. Sem efetiva participação profissional, desprovido de vida política, este povo veio de todas as regiões do país, tangido por uma miragem que desemboca em um dia a dia degradante e sem horizonte. Junto aos homens estão as mulheres. Elas suportam, além da exploração no trabalho fora do lar a sobrecarga das tarefas domésticas. Submissas ao domínio do patrão e do marido, mal esboçam uma reação que recupere a dignidade feminina. Reduzem-se em muitos casos em serem exploradas pelos explorados...

A situação objetiva do povo da periferia clama por justiça. O governo ausente, os partidos políticos de tradição operária pouco interessados em uma população desunida e desesperada. Resta para os pobres da periferia que se sentem perdidos a experiência sacralizada de salvação nas emotivas reuniões pentecostais ou o consolo das manipulações simbólicas no mundo mágico da umbanda. Para eles a presença da Igreja constitui uma semente de esperança. A própria construção material dos barracões, em lugar de suntuosas Igrejas, já testemunha a conversão eclesial aos bairros periféricos e a convergência com seu próprio estilo urbano. Nas comunidades que se foram, a autoridade eclesiástica não mais reproduz a estrutura de dominação da sociedade inclusiva. Há um esforço para que tudo se amolde a formas mais igualitárias e fraternas de convivência. Assim, em meio às orações, não esquecidas pela memória do povo, surgem as primeiras reivindicações populares exigindo água encanada, esgoto, transporte. Este começo de luta anuncia a formação de uma consciência de direito e de dignidade. Esboça-se a percepção da força decorrente da união do povo de Deus. Cabe a este povo decidir, através de uma lenta pedagogia democrática, a direção dos próximos passos no processo de conquista de alguns direitos, enquanto, simultaneamente, forja a restauração da própria dignidade.

Participante do esforço de libertação dos mais oprimidos a Igreja espera encontrar na periferia raízes de transformação de toda sociedade.

Jornal O São Paulo
25/11/91, 12, 1978
Data
Pág. 5

Pasta n.º
N.º do recorte 0314

omo outra
num lu-
na subida
e tem um
Panora-
da de cer-
cos mise-
dia de 2
Fica en-
da Cidade
Morumbi,
do rio Pi-
com suas
muito su-
passam
n uma ve-
el. a toda

te muito
da favela
de preço
lado: o fa-
Talvez a
em imagi-
na favela,
o em con-
cas de vi-
ue ela se-

ja dona de parte das ter-
ras ocupadas pelos fave-
leiros, que é como eles
estão sendo chamados
atualmente. Mesmo por-
que boa parte do terreno
onde armaram seus bar-
racos são da Prefeitura.
São barracos de madei-
ra que sobrou de demoli-
ção, tudo remendados.
Os telhados ou são de so-
bra de brasilite ou então
são de plástico. Moscas
sobrevivem todo o canto.
É um eterno espantar de
insetos de todo o tipo.
Os moradores dizem que
já se acostumaram com
a sujeira. Com o mau
cheiro vindo de um imen-
so chiqueiro onde um tal
de Rosa cria porcos para
engorda. Na segunda-fei-
ra passada tinha 10 por-
cos grandes e 9 porqui-
nhos, mais umas dúzias
de bode e cabra. O dono
só vai a pocilga para ali-

mentar se os animais.
Nem vive na favela.
Além dos porcos há os
cachorros. Engenheiro: fa-
velado tem mania de
criar cachorro. As vezes
são três cachorros para
cada barraco. Etem pato,
ganso, marreco e galinha.
De vez em quando desce,
nos dias de chuva, muita
lama misturada aos excre-
mentos dos animais. Po-
de-se imaginar o cheiro.
A lama chega a invadir
os barracos. Para piorar
mais ainda, esses barra-
cos não são nem cimentan-
dos. É terra pura.
Quando chegam na fa-
vela, os moradores estão
cheios de esperança. Co-
mo o caso de Jovelino Pe-
reira da Silva, 38 anos,
que andava sem camisa
na 2.a-feira a tarde, ce-
na incomum. Mesmo por-
que a tarde nas favelas
só se vê crianças e mu-

lheres. Os homens estão
no serviço.
— É que cheguei ontem
mesmo. Vim de Teófilo
Otoni. Minas Gerais né?
Mais um mineiro aqui pra
favela. Eu era servente
lá, pagava Cr\$ 200,00 de
aluguel, morava mal pra
burro. Aqui acontece o
seguinte: meu sogro com-
prou o barraco por 7 mil.
Ele mora aqui mesmo, ali
em cima. O nome desse
bairro. Sei não. Me dis-
seram que aqui é rua A.
Meu barraco não tem nú-
mero.
Jovelino veio com a
mulher e três filhos. Nun-
ca tinha vindo para São
Paulo. Acabou direto na
favela. Planos?
—Tenho não, moço.
Cheguei ratem. Estou
ajustando isso aqui direi-
tinho. Depois, vou procu-
rar trabalho.

Panorama, uma favela no Morumbi

Fomos numa favela em pleno Morumbi, onde encontramos barracos precários, construídos em chão batido, sem água nem luz. Quase todo mundo veio de outros Estados, com grande ênfase para Minas Gerais, a maioria constituída de trabalhadores de baixa renda.

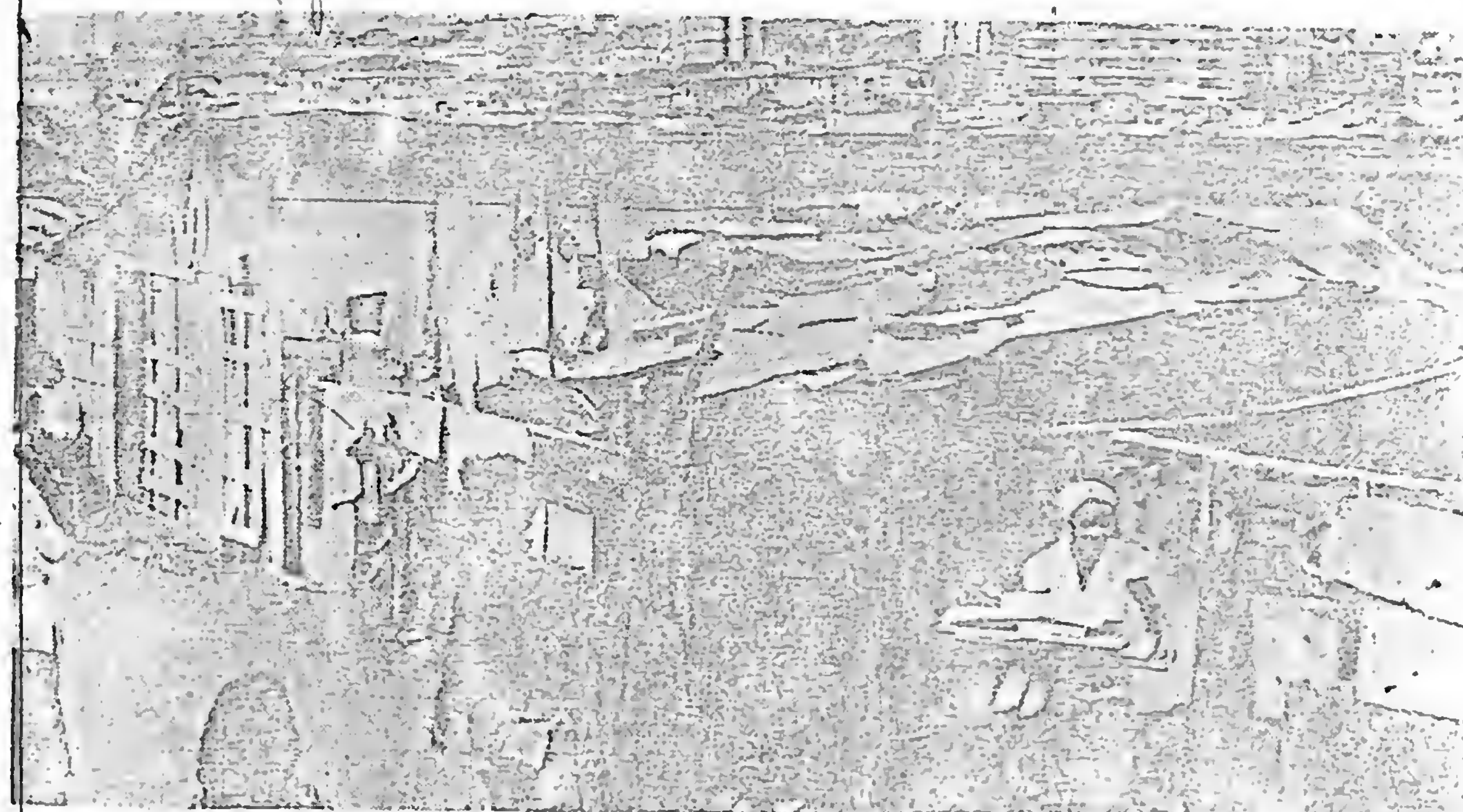
Ouvimos a história de Louriano, um homem fãhoso que por causa disso é motivo de riso de alguns garotos. "Não tenho capital pra sair daqui", disse ele. Maria, outra moradora da favela, disse que "muitas vezes falaram em acabar com a favela, mas vão ter que por a gente em outro lugar, né?"

Joselita Maria de Jesus está com medo de deixar as crianças sozinhas em casa e Lidinalva acha que "São Paulo não é muito bom nem muito ruim; é inédio".

São personagens desta favela.



Texto de RIVALDO CHINEM
Fotos de NORA GRACIELA THOMES



(DOC. INCOMPLETO)

ii na favela há tas vantagens”



Pode-se dizer que Louriano Pereira Couto, 32 anos, é um “veterano” na favela, afinal, ele mora há 11 anos ali com sua mãe, mulher (“atualmente passando com a família no interior”), e um filho de 11 anos. Louriano veio de Teófilo Otoni, Minas Gerais, e encontrou muitos mineiros naquela favela. Quase todo mundo ali tinha vindo de Minas com a cara e a coragem.

Inicialmente Louriano trabalhava de pedreiro. Mas se cansou. Armou uma barraquinha, “biscoita” como ele mesmo diz, e vende pinga, banana e alguns doces. Sua fala é mansa e fanhosa:

“Às vezes penso em sair daqui. Mas não dá. Aluguel hoje em dia não dá condição. Não tenho capital pra sair daqui. Se pudesse estava morando por estes jardins chiques daí. Não neste terreiro da Prefeitura. Aliás, é parte da Prefeitura, parte de particulares que vivem brigando pelos terrenos, porque acham que é deles. Às vezes entram em acordo comum”.

Louriano ouviu muitas histórias de migrantes que queriam voltar para o lugar de origem. Para isso, eles ganhavam passagem de trem. Mas viu também gente voltando e para o mesmo barraco. Para eles, os favelados ganharam estabilidade. Ninguém tira mais de lá. Só se pagar, e muito bem. Aqui tem algumas vantagens, diz a começar pelo fato de que é sadio”.

“É uma mosqueira que não acaba mais”

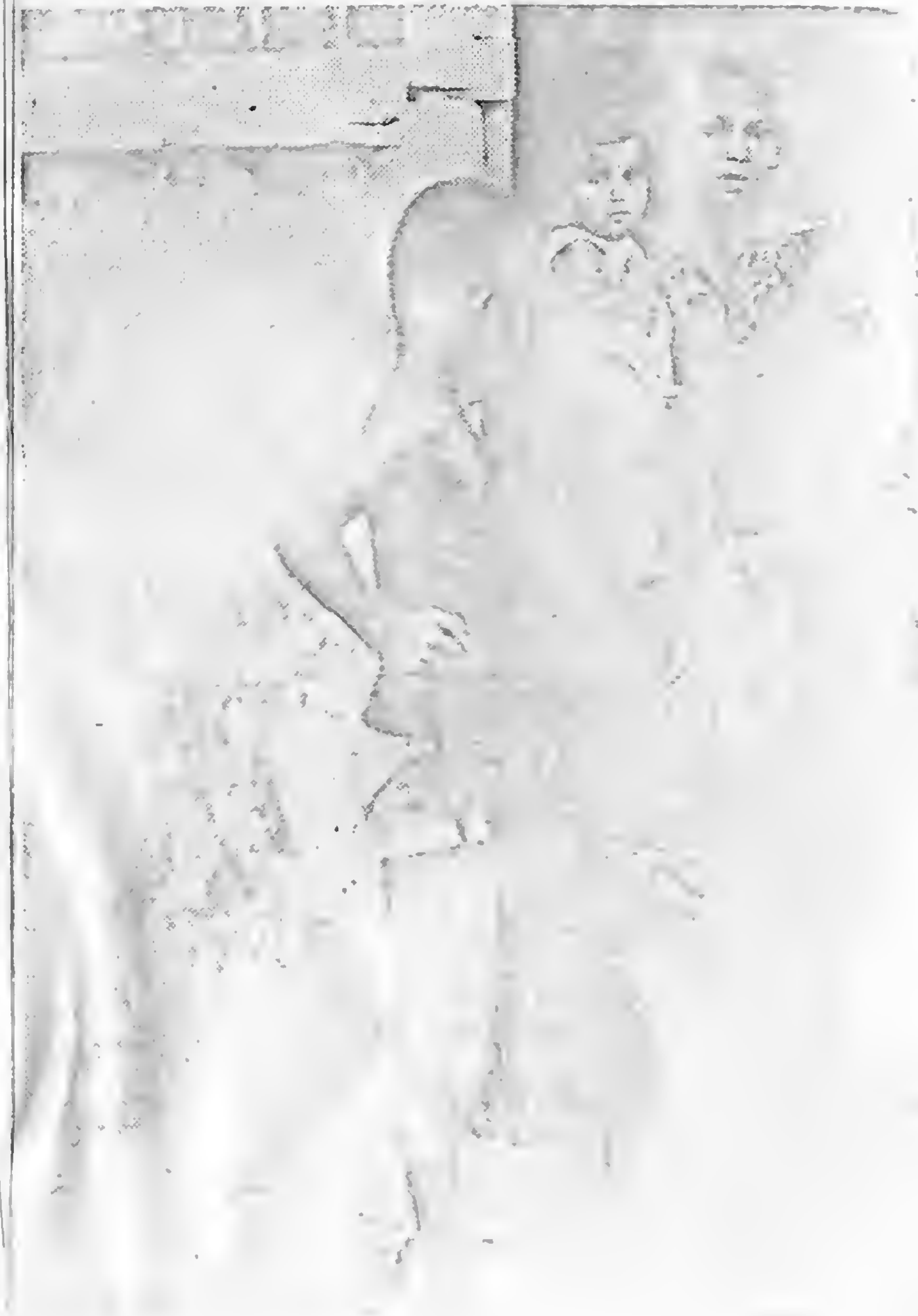
O caçá! José Rosa e Maria, ele com 40 e ela com 30 anos, veio de Brasília de Minas Gerais, há quase 1 ano, e compraram o barraco por Cr\$ 3 mil. Não pensaram ainda em sair da favela, alugar uma casa, um apartamento, porque o salário de José Rosa é baixo, a Cr\$ 8,50 por hora. Para ajudar no orçamento do lar ela trabalha em limpeza. A filhinha, de 4 anos, fica numa creche.

“Muitas vezes falaram em acabar com a favela, mas vão ter que por a gente em outro lugar, né? A gente



não tem condições de viver de aluguel, que se pode fazer? Água é pago por nós, e vem daquele poço imundo ali (aponta para o alto), e a luz é a lamparina. Tem o problema do chiqueiro, os bodes andando por aí soltos, os carneiros, patos e marrecos, galinhas. É uma mosqueira que não acaba mais. Quando chove vem água do chiqueiro e as crianças pisando tudo isso, descalças. É por isso que elas vivem doentes. Vai e volta do hospital. Algumas vezes vai e não volta mais”.

“Não tenho medo, sabe? De nada”



“Ninguém cuida de nós, os favelados”

Até há 7 anos atrás, Joselita Maria de Jesus, hoje com 27 anos de idade, trabalhava na roça em Topazio, Minas Gerais. Daí veio para São Paulo com os pais. Foram morar na favela, onde estão até agora, apesar dela já ter-se casado. Seu pai morreu e sua mãe voltou para Minas. Ela ficou.

— Sabe, o aluguel : cada dia está mais caro. Eu trabalhava à noite, depois teve um incêndio há uns 3 meses. Estourou um tambor de gás e uma menina de 4 anos foi pro ar. Desse dia em diante não quis mais trabalhar à noite. Me virava em limpeza, fazia 4 horas diárias. Ganhava meio salário, porque o horário era das 18 às 22 horas.



Somada essa tragédia toda, Joselita ainda perdeu o marido, que a abandonou com cinco filhos, com idades de 1

a 8 anos. Dia sim, dia não, ela vai para a feira, desde que deixou de trabalhar em limpeza. Não sabe ler nem escrever. Até aos 20 anos

só puxou enxada na roça. Sua queixa:

— Aqui não tem assistência social nem religiosa, ninguém cuida de nós, favelados.

Quando veio a Lidinalva Versalino, dizia que iria morar com o marido Benedito F. Mas não pôde, porque não tinha o barraco por fazer. O melhor do que os outros é que o barraco é de cimento e não de madeira. É sobre São Paulo? É ruim, né? É mediano.

No barraco há um poço, pelo qual se tira água por mês. Depois, o contrário fatalmente acontece, como já tiveram o bairro, é a pergunta que ela não sabe. Com a rua.

A luz é de vela, apesar do chove, apesar do barraco fica todo a lama que não

“Uma hora embora, outra dia mesma penso em que nasci. Deixei medo, sabe? Não quanto acaricia os meses .

Favela, cortiço e submoradia. Qual a diferença?

De acordo com dados do livro **São Paulo 1975 — Crescimento de Pobreza**, resultado de uma pesquisa feita pelo Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa — CEBRAP, havia em São Paulo 130 mil favelados (em 77 já eram 400 mil), 515 mil moradores em cortiço e 1.800.000 habitantes de casas precárias da periferia. Entre uns e outros não há muita diferença, a não ser que os favelados ou faveleiros, como preferir, não pagam aluguel.

A Prefeitura tem feito esforços no sentido de acabar com as favelas: paga passagem ida sem volta para qualquer lugar do Brasil, menos interior de São Paulo, e mais ajuda de custo, dependendo do local. Só que seus assistentes sociais não garantem se essas famílias voltam ou não mais tarde. Problema de cada um.

Há uma favela, da Vila Prudente, que além

de ter prefeito eleito por voto direto, o pernambucano Dalvino Gonçalves de Freitas, há ainda "sobrados". De fato, pressionados pela falta de espaço urbano, os barracos daquela favela, existente há 22 anos, estão crescendo para cima. Não deixa de ser um recurso.

Recentemente, os jornais divulgaram o caso da favela do Jardim Ana, em Jundiaí, onde começou a surgir um caso estranho: notas de Cr\$

1.00 a Cr\$ 500.00

nas portas dos barracos.

Eu recebi arroz. E as

tratar-se de coisa

ção e não surgiu

alguns faveleiros.

ro. Outros, ainda

ro de alguém pagar

em guardá-lo no

(DOC. INCOMPLETO)

MDB

Mais cheiro de povo

Um MDB mais autêntico e mais comprometido com os interesses do povo foi a principal consequência do grande avanço do MDB nestas eleições. O resultado chegou a ser surpreendente: a facção adesista diminuiu com a derrota fragorosa de alguns de seus mais notórios representantes, a ala moderada também perdeu vários de seus mais expressivos elementos e até os diversos "folclóricos" que chegaram à Câmara - em meio à enxurrada de votos desencadeada no MDB na eleição de 1974 - foram quase todos implodidamente expurgados pelo eleitorado.

E, nesta virada, cresceu extraordinariamente o número de novos candidatos eleitos comprometidos com as causas populares, tanto para as assembleias como para a Câmara Federal e até mesmo para o Senado. Nas assembleias, foram eleitos candidatos autênticos em quase todos os Estados. E na Câmara o número de autênticos foi aumentado de quase 40 para perto de 80 - o que significa que o crescimento do número de cadeiras do MDB na Câmara (de 156 para perto de 200) foi totalmente preenchido por autênticos que, de sobra, ainda tomaram cadeiras dos grupos moderado e adesista. A seguir, o que são e o que pensam alguns dos representantes do novo MDB - agora, de fato, uma verdadeira federação de oposições, com quase todas as tendências consequentes do País representadas em seus novos quadros eleitos em 15 de novembro passado.



Aurélio fazendo a boca de urna no dia 15: "operário vota em operário"

A classe operária vai ao Congresso. E não é visita...

Depois de 1964, operário só entrou na Câmara dos Deputados em visitas domingueiras. E mesmo o único parlamentar com passado operário, Marcelo Gatto, foi implacavelmente cassado.

Agora apurados os votos, descobre-se que alguma coisa começa a mudar. Há dois operários no Congresso. Benedito Marcílio, presidente do Sindicato dos metalúrgicos de Santo André, em São Paulo, e Aurélio Peres, saído diretamente da ferramentaria da fábrica de bicicletas Caloi.

Derrotou o patrão e o filho do patrão

AURÉLIO PERES

Deputado Federal/SP

Nestas eleições, na fábrica de bicicletas Caloi, no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, houve uma situação interessante: de um lado, um dos diretores, Blota Jr., candidato a suplente de Senador com Claudio Lembo, e seu filho Blota Neto, candidato a deputado estadual, derrotados fragoramente, pela Arena; do outro, o operário Aurélio Peres, ferramenteiro, eleito para a Câmara Federal, pelo MDB, com 47.073 votos, após uma bela campanha com base nos bairros da periferia e defendendo um programa democrático e popular.

No primeiro dia de trabalho depois da eleição, Aurélio chegou pouco antes das 6 da manhã, como sempre, mas quase não conseguiu trabalhar. Todos queriam cumprimentá-lo e os comentários em todas as secções eram para ele. Um colega dizia:

- É bom eleger um companheiro como deputado, porque sendo operário ele compreende os problemas da gente.

O deputado operário sorria.

- Foi um espanto. Muita gente não acreditava.

Ocupado com a máquina, magreza evidente, 39 anos de vida e luta. Primeiro como lavrador em Santa Fé do Sul, onde participou ativamente entre 60 e 68 nas lutas para evitar o despejo de sua família e de outras, na fazenda Reserva, tempo em que era da Frente Nacional do Trabalho.

Depois foi motorista de caminhão, e ainda em 68, tornou-se operário em São Paulo. Além das lutas na fábrica, engajou-se nos movimentos da periferia da zona sul, por ônibus, escolas, água, creches, etc.

Em 1973 surgiu o Movimento Custo de Vida, como atividade dos Clubes de Mães das igrejas da região. A esposa de Aurélio participava.

Em 76, o Movimento se ampliou e entraram os operários e outros setores, deixando de ser exclusivamente de mulheres. Aurélio foi eleito para assessoria e coordenação. Foi principalmente por sua atuação no Movimento Custo de Vida, além de seu trabalho na oposição à diretoria pelega do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que ele terminou sendo indicado por uma assembléia de moradores da Periferia para ser o candidato à Câmara Federal.

Preferindo mil vezes as ruas de terra do bairro da Figueira Grande onde mora, ao invés do luxo de Brasília onde terá que passar muitos dias dos próximos 4 anos, Aurélio tem o seguinte a dizer sobre seu papel como deputado federal:

- Vou relegar a atividade parlamentar a segundo plano. Vou fazer pronunciamentos, criticar o governo e defender os trabalhadores no Congresso, mas para mim o prioritário é o trabalho de base para organizar o povo. Se o povo está organizado, ele chega aos pontos pelos quais lutamos hoje, que são: liberdades democráticas, principalmente as sindicais; fim do regime de exceção; reforma agrária; e Constituinte.

Muito breve, um partido dos trabalhadores

BENEDITOMARCÍLIO

Deputado Federal/SP

Em 1953 a família de Benedito Marcílio, camponeses sem terra de Serra Negra, chegou em Santo André. Todos foram para as fábricas. Ele tinha 14 anos e começou como ajudante, mecânico de manutenção. Hoje, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, acaba de se eleger Deputado Federal. Benedito Marcílio, para chegar a esse ponto foi muito claro.

As primeiras assembléias do Sindicato em 56; a grande luta nas 12 fábricas do Grupo Jafet, no final de 64, enfrentando a dura repressão, entre greves, passeatas, assembléias e manifestações de todo o tipo, os trabalhadores sustentando 16 meses de luta para readmitir os companheiros demitidos por perseguição política. Nessa campanha vitoriosa Marcílio foi membro de uma das comissões que substituíram o Sindicato posto sob intervenção governamental.

Eleito para o Sindicato em 65, no cargo de 1º Secretário, com 100% dos votos dos operários de sua fábrica, a Coferraz, onde trabalha até hoje, assumiu a Presidência em 67, com 76% da votação. No 1º de maio de 77 uma agitada Assembléia dos trabalhadores de Santo André discutiu, entre outras coisas, a necessidade da classe ter uma representação política na Câmara dos Deputados. Foi aí que surgiu sua indicação. Então foram se organizando comissões políticas nas fábricas e nos bairros operários, discutindo os passos da candidatura e definindo sua atuação no Congresso Nacional e fora dele.

Uma de suas primeiras declarações, logo após saber de sua eleição, foi sobre o poder da classe operária: "- Ela não nasceu para ser mandada, mas sim para mandar, porque é a maioria. Agora vai começar a assumir os postos de decisão do País". Insiste em que apenas a ação política dos trabalhadores poderá modificar o regime e crê que a classe operária já está madura e poderá formar muito em breve um partido dos trabalhadores, com um programa definido a partir dos interesses específicos da classe operária. Mas no momento sua preocupação é a unidade do MDB defendendo a Assembléia Nacional Constituinte.

Benedito Marcílio, eleito com 41.279 votos, tinha certeza que iria ocupar seu lugar na Câmara Federal, pois não tinha dúvidas quanto à fidelidade da classe nestas eleições, o suficiente para que os candidatos realmente comprometidos com a luta do povo pudessem ser eleitos, apesar do poder econômico e das leis de exceção. Primeiro projeto de Marcílio: "Revogação de toda a Lei de Greve".

Marcílio: abaixo a Lei de Greve. Já





Pedro Medeiros

Heloneida, a mulher na luta da classe trabalhadora



Maria Luiza: da escola ao cordel

Apenas 62 mulheres se candidataram, em todo o País. Entre essas poucas, menos ainda ao lado do povo e da democracia. Mas esse é apenas um começo.



Paulo Barbosa

Irma, indicada por 62 entidades de bairro

De pé, todas as bandeiras da democracia

HELONEIDA STUDART

Deputada Estadual/RJ

Heloneida Studart, a segunda mais votada entre os candidatos autênticos da bancada da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, é cearense, desquitada, mãe de três filhos homens, candidatando-se pela primeira vez a um cargo parlamentar. Jornalista há vários anos, Heloneida sempre teve participação política atuante, principalmente na luta pelos direitos da mulher (foi membro da diretoria do Centro da Mulher Brasileira).

Seu livro "Mulher, Objeto de Cama e Mesa" foi *best-seller* nacional, principalmente pela clareza, objetividade e humor com que tratava do problema feminino no Brasil.

De sua viagem à China Popular, no ano passado, Heloneida produziu um livro, sobre as condições de vida da mulher naquele país e sobre as mudanças sociais ali ocorridas: "China, um nordeste que deu certo".

Heloneida sempre procurou colocar a luta das mulheres dentro da luta da classe trabalhadora, pois considera a mulher um trabalhador de segunda classe. Sua campanha, levantando todas as bandeiras mais gerais da luta por Liberdades Democráticas, também levantava, dentro deste eixo maior, a luta pela libertação feminina. Teve 58.134 votos.

Eleita em versos e prosa

MARIA LUIZA

Deputada Estadual/CE

Quando Maria Luiza Fontenele foi em campanha à fazenda Monte Castelo, em Quixadá, conversar com os empregados, o dono da fazenda ficou muito curioso. Mais curioso que permite o respeito democrático: mandou chamar dois participantes da reunião, que depois foram intimados a comparecer à delegacia de Quixadá, para discutir questões relativas à aplicação do Estatuto da Terra! E, mais surpreendente, a mania da espionagem eletrônica chegou definitivamente ao sertão: a reunião fora gravada clandestinamente e entregue ao filho do dono da fazenda.

A passagem de Maria Luiza para a vida parlamentar talvez tenha sido motivada pelos seus 11 anos de trabalho como socióloga formada nos EUA e como professora, onde não via muito sentido em ensinar "uma Matemática que não mostra por que o custo de vida sobe em progressão geométrica enquanto os salários sobem em progressão aritmética e uma História que não lembra os principais heróis do País: os que lutam em defesa de nossa terra; os que tombaram lutando pela liberdade e os trabalhadores anônimos que produzem a riqueza do país".

Em vez da escola, procura agora valorizar outras formas de comunicação com o povo. Usando versos de cordel, ela lembra as reivindicações específicas da mulher que trabalha em casa, da gestante que perde o emprego em vez de ser ajudada e conclui:

Em toda situação
a mulher é explorada
até prá fazer anúncio
se bota : mulher pelada.

É também nos versos de cordel que ela explicou porque votar em Liberdades Democráticas, Reforma Agrária, Constituinte Livre e Soberana, Independência Nacional e melhoria das condições de vida do povo:

Até as donas de casa
estão dizendo na rua
abaixo o custo de vida
que subiu até a lua.

Dois mil voluntários no dia 15

IRMA PASSONI

Deputada Estadual/SP

Foi somente depois de dez anos de trabalho em defesa dos interesses dos moradores da periferia da cidade de São Paulo que a professora Irma Passoni resolveu se candidatar. Ou melhor, foi escolhida, junto com o operário Aurélio Peres, numa assembléia realizada no Socorro, com representantes de 62 entidades de bairros periféricos.

Antes, os dois candidatos, agora eleitos com votação expressiva, trabalhavam no Movimento Custo de Vida desde sua criação, experiência que lhes valeu sólidos contatos com a população.

Com poucos recursos, não puderam fazer uma campanha estrondosa em termos publicitários, mas em compensação tinham constantemente 200 pessoas trabalhando voluntariamente durante a campanha, número que aumentou até 2 mil na hora de fazer a boca-de-urna. Irma faz questão de ressaltar que sempre tomou decisões consultando o pessoal dos bairros onde trabalha. "Nosso programa foi feito em cima de discussões nos bairros. Fizemos mil cópias, passamos para as pessoas discutirem e dar sugestões. Foi um programa feito pelo povo", diz Irma.

Além da falta de recursos para conduzir a campanha, Irma diz que tiveram também de convencer muita gente de que política não é só coisa de gente rica e poderosa. Alguns sentiam também certo ressentimento de terem de apoiar uma candidata mulher. "Mas", diz Irma, "depois que discutíamos com o pessoal os pontos fundamentais da campanha, nota-se que é como se cada um estivesse fazendo sua própria campanha. Tanto é que no fim o comentário dos operários era de que nas próximas eleições deveríamos apresentar mais candidatos operários, porque eles acham que só dois seriam pouco".

Diariamente há discussões políticas no comitê e nos vários subcomitês espalhados por vários bairros da cidade. Discutem-se ali tanto os problemas relativos às eleições como as principais questões que afetam a vida dos moradores do bairro. "Não é o meu nome que interessa, interessa que tenha um de nós lutando pela abertura de uma nova frente de trabalho político-partidário", ressaltava Irma Passoni. Existem cerca de 60 subcomitês nos bairros, organizados pelos próprios moradores. "É uma forma estruturada de dar continuidade aos nossos trabalhos. Mesmo após as eleições este trabalho nos bairros deverá continuar, este é um aspecto fundamental da campanha".

Há também reuniões com as mulheres dos bairros para discutir qual deve ser a participação das mulheres nas eleições. Nas reuniões já realizadas ficou decidido que as mulheres deveriam participar porque são elas que estão mais ligadas diretamente com os problemas que atingem mais a periferia, como falta d'água, de escolas, de creches, etc. Irma, como mulher, deputada e moradora na periferia da cidade, portanto conhecedora de todos estes problemas que afligem esta população marginalizada do desenvolvimento da nação é quem diz: "acreditamos que só haverá mudanças quando se levar um trabalho com a participação conjunta de homens e mulheres".

Vinte mil "natais" por ano

ontecem 20 mil "natais" por ano no aparato Material. Mas, assim que o bebê nasce, para onde vão as mães desamparadas? Geralmente são 12 mães mantidas pelas próprias mães, através de seus filhos. As crianças encam o dia todo com uma das mães, ou com uma mãe contratada para cuidar delas. Mas as despesas são divididas entre as mães. Uma experiência começou no próprio aparato, e que foi montada pela pastoral das famílias. Veja como uma dessas casas é a última página.



Que se respeite a criança!

1979 será o Ano Internacional da Criança, conforme estabeleceu a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Mas a sociedade em que vivemos se nutre de navidades: esse é o seu ritmo, a sua condição de sobrevivência. Será muito difícil que este "Ano" não venha a ser intrinsecamente comercializado pelas indústrias de brinquedos: quer dizer, será mais às multinacionais do que às crianças. Que este ano seja menos retórico e mais crítico. É o que falamos no editorial na página 3.

Exportar é mesmo o que importa?

A propaganda do governo diz que "exportar é o que importa". O Grupo Economia e Povo — GEP, desmistifica esse lema com dados: por exemplo, nós compramos mais do que vendemos. Para poder pagar as compras, temos de pedir dinheiro lá fora. Com isso, a dívida externa aumenta a cada ano. Qual é a saída? Ou exportamos mais, ou começamos a produzir aqui dentro o que compramos de fora. Página 3.

Ele nasceu pobre

Com a cidade bem enfeitada, luzes coloridas, "Natal Feliz" tocada nas esquinas, o comércio avisa que está chegando o Natal. Que é hora de comprar os presentes, as bebidas, as comidas. Na Igreja, o aniversário do Menino Jesus está sendo anunciado de outra forma: não reunião, na oração. E, hoje, na página três, nós estamos lembrando que Ele nasceu pobre. E que sua família pertencia à linhagem dos Pobres de Deus. Porque o Natal é a revelação do Deus que aparece na história, a partir dos mais fracos.

Itacoatiara reza a sua Novena

Em nossa cidade são muitos milhares de católicos que estão se reunindo em grandes ou pequenos grupos, para rezar a Novena de Natal. Mas não é só aqui que o povo está assim se preparando para a chegada de Jesus. Na longínqua Itacoatiara, nossa Igreja irmã, lá no Amazonas, também está acontecendo a Novena, lembrando que "só refletir sobre o Evangelho, não adianta". Pág. 9.

Aqui, as cartas e respostas

A nossa seção de Cartas e Respostas, está voltando a "pegar fogo". Neste número, tem uma página inteira. E sobrou muita carta para os próximos números. O problema do aumento do preço do jornal continua em evidência, com manifestações variadas. Está claro que ninguém é a favor de qualquer aumento de preço. Mas há opiniões diferentes a respeito do assunto. A Favela do Morumbi também está em evidência. E resposta ao que disse há alguns números, o maranhense Vicente. Lembra-se?

20 mil "Natais" no amparo maternal

Dar continuidade à vida é mais importante

Para o cristão, o Natal significa a comemoração do ato de nascer. Nasceu um menino nesse dia 25 de dezembro, e é por isso que comemoramos o dia com um carinho especial. O menino Jesus contou com o amparo de José. Mas há muitas crianças que nascem unicamente com o "pecado" de não ter um pai que assuma a condição de pai (e de homem). Filhos de mães que ficam desamparadas, com a dupla responsabilidade de se tornarem mães e chefes de família. Passam 20 mil mães nessas condições, por ano, no Amparo Maternal, entidade católica que funciona na Vila Clementino. Para onde as mães vão

assim que o bebê nascer? Sobre tudo nesse período mais difícil de sua vida, que é o primeiro ano da vida do nenêzinho. Num tentativa de responder a esta questão, desde 1973 vem sendo formadas casas onde se mora coletivamente. Mães e filhos. As despesas são repartidas, e enquanto as crianças brincam, com alguma pessoa adulta responsável pela guarda delas, as mães trabalham fora. Visitamos uma dessas casas. E contamos também como se iniciou o projeto, que envolve agora o Amparo Maternal e a História das Famílias da Arquidiocese. Uma obra que requer, antes de tudo, amor.



É uma casa grande, cercada por um muro alto, onde vivem cinco crianças, que brincam o dia inteiro pelos quartos, pela imensa sala, ou então na varanda. Os dois quartos são divididos entre as seis moças, uma delas sem o filho, que foi viver na casa dos avós. Essa família espera receber ainda esta semana mais uma moça com duas crianças, que se juntarão a ela e certamente trarão um pouco mais de alegria àquela casa.

Cabe a uma das moças, Vilma, cuidar das crianças, além de fazer a comida, as compras do mês e a limpeza da casa. Seu salário ~~vem da par-~~cela de cada uma, Cr\$ 100,00. As outras moças trabalham em hospitais, em regime de 12 horas seguidas e 36 de descanso, ou então, em fábrica de confecção, como é o caso de Geni. Cabe a cada uma delas dar Cr\$ 1 mil por mês para pagamento de aluguel, água, luz, compra de mantimento, roupa — o que significa que normalmente não sobra absolutamente nada no final do mês, com essa carestia.

O preço do aluguel é Cr\$ 4.300,00 por mês, e o fiador da casa é o sr. Eli, um homem que tem o encargo de administrar essa casa. Frequentemente ele traz leite em pó, alimentos, tudo conseguido através da ação na sua paróquia. Ajudou inclusive quando uma das moças perdeu seu filho com apenas um mês de vida.

JUNTAS DESDE O COMEÇO

Quatro das seis moças estão juntas desde que formaram o que elas chamam de “república”, termo, aliás, que irmã Anita não gosta que se use. Moraram inicialmente numa casa alugada na Vila Clementino, onde fica o Amparo Maternal, mas depois houve problema de rachadura do teto e elas foram obrigadas a se mudar. Desde o dia 5 de agosto estão ali naquela casa, às margens da via dos Imigrantes.

Antes uma casinha feia, agora uma casa velha, grande, com quintal e bastante espaço para as crianças brincar o dia todo. Anderson, de 1 ano e 6 meses; Guiomar, de 4; Luciana de 3; Suzana de 1 ano e 2 meses e Silvia de 7 anos, todo mundo vive feliz. São uma família de verdade. Verdadeiros irmãos, que choram quando um não está em casa, quando um está passeando na casa dos avós ou das tias, nos domingos ou feriados.

De vez em quando uma das moças vai para casa dos pais. Deixam a casa onde viveram com outras moças, também com filhos, e com o penoso encargo de criá-los, sendo mãe e pai ao mesmo tempo. Muitas vezes elas não se enquadram, “devido ao gênio”, como disse uma delas. Vão para outras casas, quem sabe...

UMA VIDA EM SEGREDO

C. veio com uma irmã do Rio Grande do Sul para São Paulo, há alguns anos. Aqui vivia visitando seus parentes, até que um dia conheceu um rapaz e se engravidou. A partir daí foi rejeitada. No trabalho foi explorada pelos patrões, que frequentemente lhe diziam: “Ah, é? Agora que estais grávida vais trabalhar feito cão. Até de madrugada, tá vendo?”.

Depois que seu filhinho nasceu, C. passou a cuidar dele no quartinho de fundos da casa. Trabalhou no setor de limpeza de um hospital, mais tarde foi para outro setor, já que tinha feito curso de secretariado. Naquele tempo sua irmã arrumou até uma família no Morumbi para que ela desse o filhinho. Mas irmã Rosina, do Amparo Maternal, tirou essa idéia de sua cabeça, que isso? Afinal, crises passam.

De fato, meses depois o pai de C. falou que “tinha perdoado tudo”, como se ela tivesse cometido algum delito algum dia. Seu pai até a procurou, escreveu cartas para ela, quis conhecer o netinho. O achou “uma graça”, mas ela não quer voltar para o Rio Grande do Sul. Seus planos? Por o bebê para estudar, quando chegar a hora, viver só para ele.

ENCONTROS

Atualmente C. e outras moças que vivem com ela estão fazendo curso de batizado. Pretendem batizar as crianças. Frequentemente elas tem encontro com moradoras de outras casas, que funcionam nos mesmos moldes, e juntas expõem os problemas vividos por cada um. Vão todas as moças com seus filhos, além dos casais responsáveis pela “gerência” da casa, digamos assim. Mesmo porque não há um termo preciso para esses casais: eles tanto podem ser “gerentes” como “administradores” da casa.

Há dois tipos de imposições para as moças: que elas não levem namorados para as casas, e que não passem as noites fora. Mas C. diz que está até conformada com isso, “quando a gente tem um filho — diz ela — não se ocupa de outras coisas; não sobra tempo, porque criar sozinha uma criança não é tarefa fácil. Tudo depende da gente. A criança não pode ficar doente, ser internada, nada disso”.

Os vizinhos desta casa são ótimos: participam da vida deles como se fossem velhos conhecidos. Um dos filhos trabalha numa padaria, e todo dia traz pão para elas, o que as dispensa do hábito de ir à padaria de manhã. As filhas da vizinha costuram para as crianças. Quando houve problema com os fusíveis, a instalação elétrica e a antena de televisão, foram esses mesmos vizinhos que se dispuseram a consertar tudo. Uma maravilha.

Já existem doze casas



Ao toda são 12 casas mantidas nesses moldes: 8 na Ipiranga, 1 na Lapa, 2 em Santo Amaro e 1 em Vila Formosa. É um trabalho que começou em 1975 no Amparo Maternal, entidade onde nascem cerca de 20 mil crianças por ano; dessas, cerca de 50% têm família ou "alguém" para junto de quem voltam após o parto. Das restantes, uma parte é encaminhada para o Juizado de Menores, outra para o Centro de Triagem e Encaminhamento de Migrantes (CETREM) e umas quatro mil por ano permanecem no Amparo, por um período de 4 meses mais ou menos, antes e depois do parto. Neste tempo recebem orientação e um início de evangelização.

Todo mês o Amparo Maternal faz relatório para o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, presidente daquela entidade, e num desses relatórios estava mencionado o trabalho das irmãs que administram o Amparo. D. Paulo achou que a Arquidiocese, através da Pastoral Familiar, deveria assumir a iniciativa da irmã Rosina.

INTEGRAÇÃO

Foi feita um projeto, difundido por toda a cidade, relatando que ao assumir essa pastoral haveria repercussões importantes para a pastoral dos setores e regiões, e complementar o esforço realizado pela Arquidiocese com a manutenção do Amparo Maternal.

A intenção do projeto era a de comprometer uma equipe de cada paróquia para um acompanhamento das mães desamparadas, que ao sair do Amparo fossem trabalhar (geralmente domésticas), morando naquela paróquia. Caberia ao serviço social do Amparo enviar à equipe da paróquia um resumo histórico da assistida e suas necessidades.

Diz o projeto que "por sua própria situação, as mães que saem do Amparo não gostam que outras pessoas saibam de suas condições; fazem de tudo para esquecer a experiência pela qual passaram e se separaram de pessoas que de alguma maneira recordem o acontecido. Mesmo quando as patroas são preparadas para recebê-las, elas rapidamente buscam uma outra patroa que desconheça sua condição. Acrescente-se a isso a mabilidade de emprego a que está sujeita uma doméstica, sobretudo quando tem filho pequeno. Seria mais

difícil, se não impossível, portanto, ter como ponto de referência o nível paroquial".

PARA ONDE IR?

Desta forma, o Amparo Maternal localizaria a casa, montaria o necessário e através das pessoas que lá trabalham, se tornaria fiador junto ao proprietário. "Isso responde a maior necessidade e

angústia das moças: para onde ir ao sair daqui?", continua o relatório. "Sobretudo o período mais difícil, que é o primeiro ano; depois disso, há mais aceitação por parte da família e é mais fácil a adaptação social".

Os responsáveis por essas casas seriam a equipe de casais por região, ou por setor. Como? Montar a equipe e prepará-la para isso. A equipe entra em contato com o Amparo para ir conhecendo as moças. O Amparo grupaliza as moças, e a equipe familiar monta a casa. A equipe familiar passa a dar apoio e orientação constante para as moças que moram na casa. O trabalho se desenvolve nas regiões e nos setores em união com o serviço social do Amparo.

A primeira "república" montada pelo Amparo deixou o seguinte saldo: 4 moças se casaram, duas voltaram para casa, uma está noiva e mora atualmente em um pensionato e uma está internada num hospital para doentes mentais. Durante o tempo de existência da "república", as moças foram assistidas e apoiadas pela assistência social do Amparo.

O PREPARO

Como disse uma assistente social do Amparo, a primeira reação de uma família ao saber que a moça está grávida é a de mandá-la para a rua. Depois pensam melhor e não o fazem. "Mas se acontecer pela segunda vez é provável que não pensem nem uma vez", disse uma assistente social.

Normalmente a moça costuma voltar ao Amparo para contar para as assistentes sociais que se casaram, que a família a aceitou, que a situação mudou muito para elas, e assim por diante. O Amparo Maternal não faz restrição quanto ao atendimento: a moça pode ter tanto o primeiro como o décimo filho. Mas como disse irmã Anita, "elas saem daqui com certo preparo".

A MULHER FORTE E LIBERTADORA

Na festa da Imaculada Conceição vale recordar a meditação que alguns teólogos e pastoralistas fizeram sobre a Virgem Maria, a propósito da preparação da próxima reunião de Puebla. Maria é a mulher forte e libertadora na marcha do Povo de Deus na América Latina.

Maria ocupa lugar único no coração dos povos latino-americanos. É venerada em todas as suas virtudes e privilégios, como Mãe de Deus, como Virgem imaculada, como mãe de todos os cristãos, como a virgem das dores, da esperança, a intercessora e mediadora universal. Todas as situações humanas, em sua glória ou em sua dramaticidade, estão associadas a Maria, como se depreende dos nomes de lugares e de festas populares em honra da Mãe de Deus e dos homens.

A tradição latino-americana acentuou a devoção e veneração de Maria. Contudo, não salientou ainda bastante o seguimento e a imitação de sua vida. Deve-se manter o aspecto cultural

que Maria merece em grau altíssimo, somente inferior ao de Cristo. Todavia, deve-se acentuar a piedade nova que está surgindo, especialmente nas bases da Igreja, em torno do seguimento a Maria.

Aí, Ela emerge como modelo dos que seguem a Jesus, sobretudo, como protótipo de mulher libertadora. Mudaram as condições de vida. Mas não se pode mudar a atitude que Maria teve: adesão irrestrita à vontade de Deus (Lc 1,38), acolhida à Palavra de Deus e à sua prática, participação ativa na obra da encarnação e da redenção, comunhão com o próprio projeto libertador de seu Filho.

Nas palavras esclarecedoras de Paulo VI, em sua encíclica **Marialis Cultus**, "Maria longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de religiosidade alienante, foi uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus era vingador dos humildes e dos oprimidos e que derruba dos tronos os poderosos do mundo (Lc 1,51-53). Uma

mulher forte que conheceu na própria vida a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio, situações que não fogem à atenção de quem queira perceber com espírito evangélico, as **energias libertadoras** do homem e da sociedade... Assim, ela aparece como o modelo acabado do discípulo do Senhor, operário da cidade terrena e temporal, e simultaneamente peregrino audaz em direção da cidade celeste e eterna; promotor da justiça que liberta o oprimido e da caridade que socorre ao necessitado" (n.o 37).

Este gênero de piedade enraizada no seguimento e imitação de Maria se está elaborando cada vez mais nos grupos cristãos comprometidos que encontraram em Maria a mais perfeita discípula de Cristo, e portanto, com um valor de exemplo universal.

O povo a venera como a Imaculada e santa, libertada antecipadamente de todo pecado; vitoriosa até para

além da morte; imagem sublime de pureza e de formosura. E também como a Mãe dolorosa, a pobre e pequena que aspira pela libertação do seu povo (Lc 1,32-33). Assim, os fiéis latino-americanos encontram-se identificados com Ela, em sua dor e pobreza e em sua luta contra as injustiças. N'Ela também hão de encontrar inspiração as inquietações atuais da mulher pela própria dignificação e libertação. Companheira da perigração humana, associada à obra de Cristo e ápice dos anseios de redenção humana, Ela é as primícias dos redimidos. N'Ela percebemos, como um vivo cântico universal, as maravilhas da salvação realizada por Cristo. Glorificada nos céus, "é imagem e princípio da Igreja, que há de chegar à plenitude da glória futura" (L.Gc n.o 68) na comunhão suprema. Por isso, o povo vê n'ela, realizada de modo plástico e vivo, a Boa-Nova; e n'Ela concentram suas expressões festivas, carregadas de admiração e júbilo.

Ano Internacional da Criança

A UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) estabeleceu o próximo ano como o **Ano Internacional da Criança**. Se ele for realizado dentro do espírito que cremos ter a UNICEF, este ano não só é merecido, vindo como deverá merecer todo o ano o empenho.

Não resta dúvida de que um ano de reflexão e trabalho pelos direitos da criança é prova de amadurecimento da consciência internacional. Mas a sociedade capitalista, que é a em que vivemos, se nutre de novidade. Ela vive no ritmo, sua condição de sobrevivência. Vive criando modas. Será difícil que este "Ano" não seja instrumentalizado pelas indústrias de brinquedos, cosméticos, vestuário, pelos

meios de comunicação social e pelos governos. Tudo naturalmente sob aparência de civilização. Se este ano for mais uma novidade apenas, ele servirá mais às multinacionais do que às crianças.

Atualmente existe um "culto às crianças". Mas um culto muito suspeito. Se esse culto fosse verdadeiro os direitos da criança não seriam tão violados como têm sido. Em todo caso a situação atual pode ser considerada bem melhor do que a da antiguidade, quando as crianças eram literalmente deixadas para trás: "pueri posteriora legantur". Todos nós somos herdeiros, de uma maneira ou de outra, deste tipo de concepção. Se outrora a criança só começava a interessar quando estava em condições de cavalgar, empu-

nhar arco, flexa e lança (um novo guerreiro!), hoje também ela começa a ter seus direitos respeitados quando se projeta como um novo herdeiro!

Que este ano seja menos retórico e mais prático. Sob este aspecto é que veremos se ele servirá ou não para as crianças, bem como a sinceridade dos que se dispõem a batalhar por elas: se baixarem os coeficientes de mortalidade infantil, um dos critérios mais seguros para se avaliar a saúde de uma nação, e que na Grande São Paulo ainda atingem 88 casos por mil nascidos vivos; se a merenda deixar de ser o grande estímulo escolar dos filhos dos trabalhadores; se as televisões deixarem de incutir-lhes no seu espírito a mentalidade da competição, do consumismo, da violência; se os 120 mi-

lhões de crianças latino-americanas ficarem livres do flagelo da fome; se as 1.260 crianças vietnamitas que realizam uma "via-sacra" na costa do sudeste asiático encontrarem um porto que as acolha; se os povos indígenas do Brasil tiverem assegurado o seu direito à sobrevivência e puderem dar às suas crianças a esperança de um futuro outro que a marginalidade; se as mães solteiras deixarem de ser objeto do segregacionismo humilhante que as faz procurar o caminho do aborto; se os adultos redescobrirem a simplicidade, a ternura e todos os valores que caracterizam o mundo das crianças... então teremos feito um atalho, com este ano riquíssimo, numa estrada que, em busca da justiça e da paz, já se torna longa demais.

Jornal: O Sítio
Data: 12/12/78
Pag: 3

Pasta n.º
N.º do recorte

A demanda de creches e centros infantis

A expansão demográfica das cidades do Interior criou um problema de solução difícil, mas que as Prefeituras já começam a enfrentar. Trata-se da instalação de creches ou de centros infantis, nos quais as mães que trabalham e não dispõem de recursos possam deixar seus filhos, enquanto permanecem em seus empregos.

O prefeito Francisco Amaral, de Campinas, deverá dar prioridade, em 1979, a esse setor, pois naquela cidade existem pelo menos dezessete mil menores carentes e, para atendê-los, há somente dezoito creches, quando seriam necessárias, no mínimo, 150.

A secretária Municipal da Promoção Social, professora Maria Helena Bonavita Mambrini, define as creches como "um equipamento destinado a suprir a ausência das mães, no período diurno, para dar às crianças cuidados permanentes". Pesquisa realizada em Campinas mostrou que as mulheres pertencentes ao quarto estrato social são as que mais se afastam do lar, conseqüentemente separando-se dos filhos, a fim de se engajarem em empregos com nível não superior a dois salários mínimos.

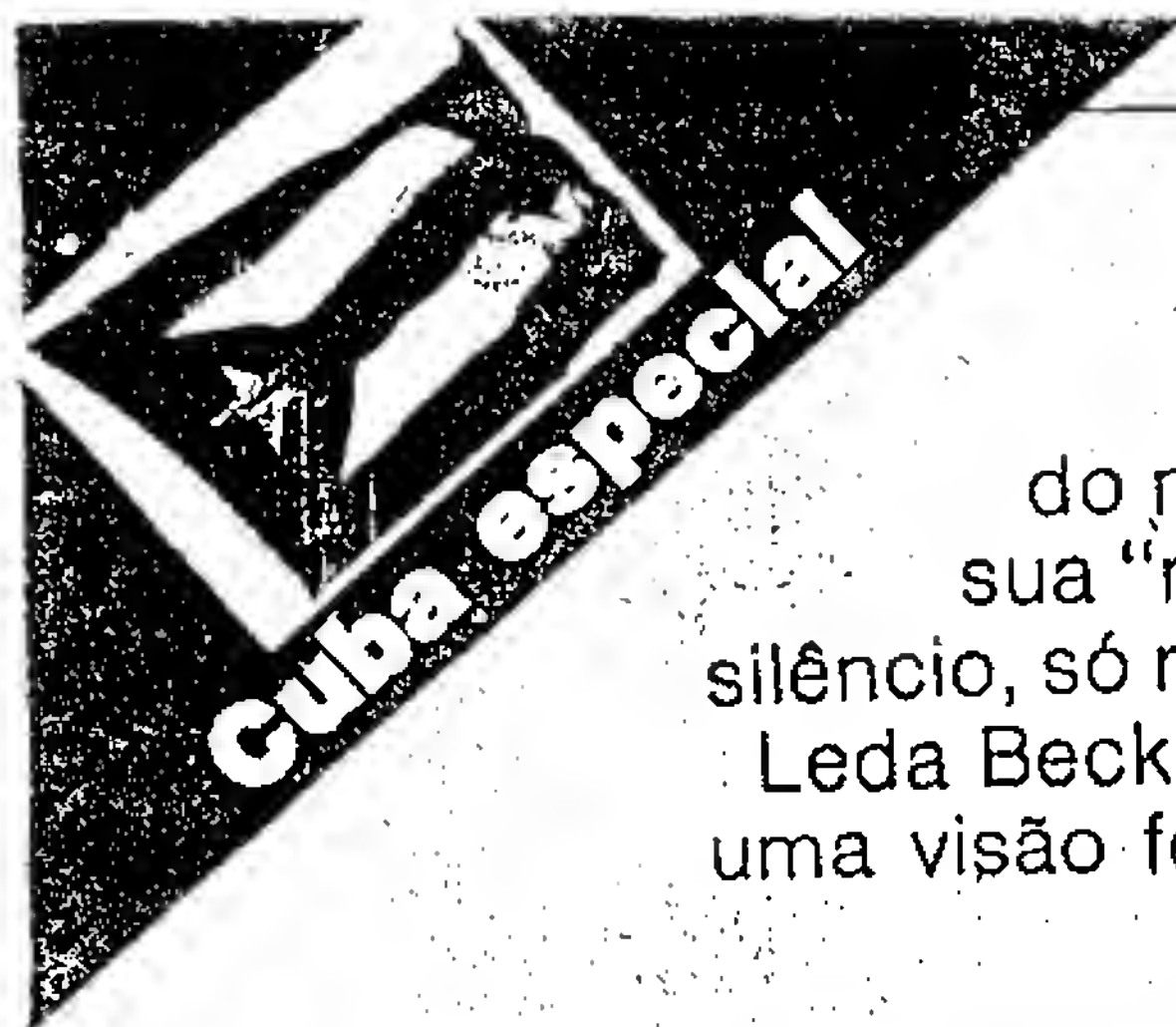
Os preconceitos existentes, segundo o mesmo levantamento, demonstram, porém, que as próprias empregadas domésticas relutam em procurar pelas creches e centros infantis, pois

os consideram "simples depósitos de crianças". E, enquanto esse pensamento predominar, os menores ficarão entregues ao Deus-dará.

O prefeito de Campinas resolveu dar a máxima atenção à assistência à infância e, embora ainda enfrentando dificuldades financeiras, está fazendo o que pode, até que concretize a ampliação da rede oficial de creches e serviços congêneres. A Prefeitura vem desenvolvendo um programa de atendimento médico e alimentar às crianças. Em alguns centros infantis, foram instaladas pequenas hortas para reforçar a alimentação.

É evidente que muito ainda resta a fazer, uma vez que em 61 favelas campineiras há cinco mil crianças que não frequentam escolas e vivem quase ao desamparo. O trabalho da Prefeitura certamente não terá fim, mas para enfrentar a situação não falta o interesse do próprio chefe de Executivo, que se colocou pessoalmente à frente da campanha.

As creches devem integrar obrigatoriamente qualquer esquema de governo municipal e é preciso cuidar delas, com carinho e entusiasmo, principalmente quando entramos no Ano Internacional da Criança, que se deve colocar além do sentimental e emotivo, para se fazer um marco de realizações permanentes.



Cuba era a "Pérola das Antilhas", alguém se lembra? A terra da rumba, do merengue e do açúcar. Depois da sua "revolução dos barbudos", fez-se o silêncio, só recentemente rompido. A repórter Leda Beck esteve lá 3 meses atrás. E trouxe uma visão feminina do "socialismo tropical".

A mulher cubana aos 20 anos de sua revolução

No 20º aniversário de sua revolução, que panorama Cuba apresenta no campo das relações homem-mulher? Como engajou as mulheres na produção, na política? Estas e outras perguntas são respondidas por Idália Gonzalez, historiadora e membro do Comitê Nacional da Federação das Mulheres Cubanas. O primeiro dado fornecido já diz bem sobre o nível da participação da mulher: a Federação, fundada em 1960, congrega 2,2 milhões de mulheres, ou seja, 81% de todas as maiores de 14 anos! (A população saltou, nesses 20 anos, de 6 para 11 milhões de habitantes.) De mensalidade, elas pagam 25 centavos de peso (cerca de 5 cruzeiros); as que ganham menos (25 a 28% das federadas) pagam 10 centavos. O trabalho na Federação é voluntário: as "funcionárias" profissionais não passam de 0,07% do total. Maior organização feminina de massa do país, a Federação tem uma presidente eleita a cada 5 anos; um comitê nacional de 53 membros; um secretariado nacional e secretariados que vão até as bases (delegações em bairros ou mesmo em edifícios). Do nível de base ao nível provincial, as dirigentes são eleitas a cada dois anos. As candidatas são escolhidas em assembleias desde o nível das delegações. A "politização" promovida permite que Idália tenha orgulhos como: "Hoje, 22% dos deputados à Assembleia Nacional são mulheres, e 9 a 11% dos delegados a Assembleias Municipais também". O secretariado nacional da Federação,

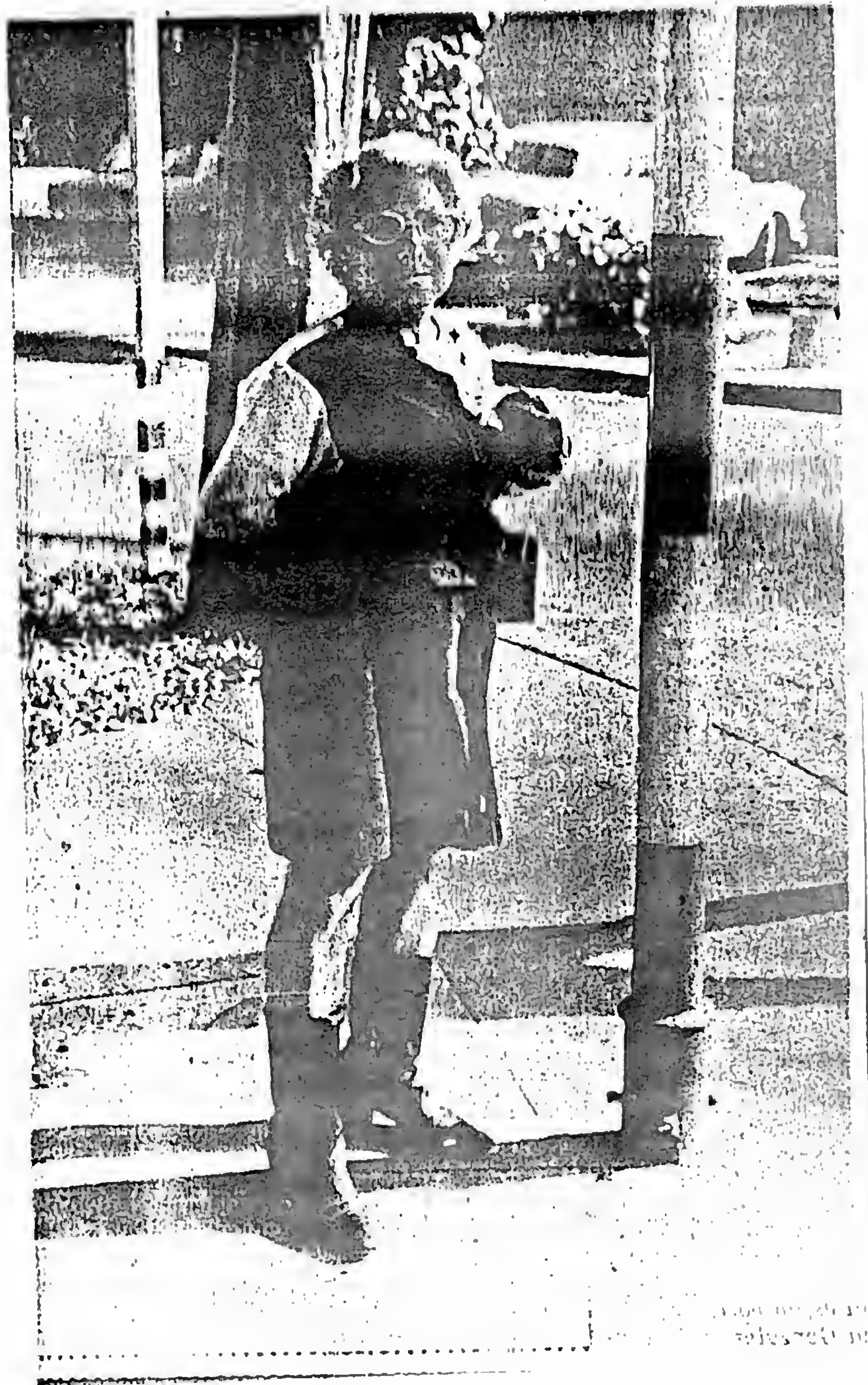
também conhecida por suas iniciais, FMC, inclui departamentos de organização, educação, promoção e trabalho social, ideológico, propaganda, estudos políticos e relações exteriores (onde Idália trabalha, como responsável pela seção de Américas). O departamento de organização é o que faz todo o trabalho interno: organiza congressos, providencia para que as delegações se reúnam na data certa etc. Cada delegação agrupa 50 mulheres, e elas têm que se reunir duas vezes por mês. Outro departamento importante é o das trabalhadoras sociais: acompanham jovens que tenham problemas familiares e que possam causar problemas sociais. Reconhece-se claramente, em Cuba, que "ainda" existe delinquência: roubo principalmente. Gabam-se, porém, de ter extinto problemas de droga e prostituição. Há uma Comissão de Prevenção de Má Conduta em cada município, composta de psicólogos, pediatras e psiquiatras, que conforme o caso pode pedir ajuda de uma trabalhadora social da Federação, para atender o jovem-problema e família. A Federação incentiva ainda organizações como o Movimento das Mães Combatentes da Educação, que se reúnem para dar assistência a todas as crianças da coletividade. Por exemplo: um casal que se mostre pouco interessado na educação dos filhos é visitado por um grupo de pais, que procura levar os "desinteressados" às assembleias de pais; também ajudam crianças com dificuldades escolares. Nas duas páginas seguintes, íntegra da entrevista com Idália Gonzalez.



A mulher cubana é, em geral, sorridente e comunicativa. Não tem problemas com filhos, caso trabalhe "fora" (30% da força de trabalho no país são mulheres). As crianças pequenas, quando não estão na escola, estão nos Círculos Infantis, espécies de jardins da infância. Nos Círculos, vão crianças de idade a partir de alguns meses. Em geral, há uma professora para cada 10 crianças. A "soldada" é uma policial da PNR. Ou Polícia Nacional Revolucionária. Elas funcionam como policiais do trânsito também, usam um revólver pequeno num coldre branco. Existem policiais masculinos igualmente chamados PNR. Um dos orgulhos de Idália Gonzalez, a entrevistada nesta reportagem, é a eliminação dos problemas de droga e prostituição em Cuba. Entre os "defeitos", reconhece-se que ainda persiste muito machismo entre os homens cubanos. Mas, como diz Idália, não interessa à mulher ocupar postos apenas para recheiar estatísticas. Para ocupar novos postos tradicionalmente ocupados pelos homens, a Federação das Mulheres luta pela "superação cultural" da mulher, no sentido da "plena" igualdade. Outro orgulho feminino (não feminista) é o grande número de mulheres na Assembléia Nacional e nas Assembléias Provinciais.

Fotos: André Boccato





Superar-se culturalmente em
relação ao homem: que é isto?
Entrevista com a "feminista"
cubana Idália Gonzalez.

"Contra o homem, não. Junto com o homem."



— Antes da Revolução, havia algum grupo organizado de mulheres que tenha gerado na Federação das Mulheres Cubanas?

— Não. Existiam grupos isolados de mulheres, que lutavam por reivindicações econômicas e políticas. Havia outros grupos que trabalhavam mais nos setores cívicos; e outros, muito pequenos, de caráter paternalista. Essa era, mais ou menos, a configuração dos grupos femininos. Não podemos dizer que tivéssemos uma massa feminina politizada, com grande participação a nível de povo, por seu nível cultural, por todos os critérios machistas, que se mantinham muito arraigados, como resultado de nossa colonização e de nossa história.

— Qual a porcentagem de mulheres que trabalhavam antes do triunfo da Revolução?

— Entre 9 e 11%. Atualmente, cerca de 30% da população economicamente ativa são mulheres. Para dar uma idéia muito geral da situação anterior, é preciso informar que os grupos que pertenciam aos partidos políticos, e ao movimento estudantil, eram os únicos que trabalhavam politicamente e com maior afinco junto às mulheres. Eram movimentos pequenos e não mobilizavam grandes massas femininas no país.

Bem, ao triunfar a Revolução, as mulheres passam a ser um elemento ativo no processo revolucionário. E ativo em sua própria casa, porque a mulher é a primeira que percebe as medidas revolucionárias, até dentro de seu próprio lar.

— Como isso se dá?

— Em Cuba, já nesses anos, em 58, 59 e mesmo anteriormente, a prostituição era uma chaga muito alastrada no país e apresentava um quadro tétrico para a situação da mulher, especialmente, e da família em geral. Quando a Revolução triunfa, a mulher vê todo um trabalho no sentido da eliminação da prostituição. Por outro lado, abrem-se escolas gratuitas para toda a população; o sistema de saúde também é totalmente gratuito e já se fala de medidas como reforma agrária, que se começa a executar de imediato, reforma urbana, toda uma série de medidas tendentes a favorecer diretamente a família. Assim, a mulher ganha segurança para o futuro de seus filhos.

Por isso, embora ela tivesse um nível cultural baixo, um baixo nível de politização, a mulher já percebia isso: ela que se acostumara, ao ter um filho, a se preocupar sobre o que seria o futuro desse filho, já vislumbrava nesse momento que as coisas não seriam mais assim. Por isso digo que ela foi um elemento ativo desde o início do processo revolucionário.

E como isso resultou na Federação?

— O que essa mulher não tinha era a consciência da importância de estar organizada, de estar agrupada. E é aí que está o trabalho da Federação de Mulheres Cubanas — a FMC. Fidel, ao sugerir e ao participar nos trabalhos iniciais de constituição da Federação, já dizia que à FMC caberia conjugar o entusiasmo das mulheres, torná-lo consequente e colocá-lo à disposição do processo revolucionário.

A Federação é criada em agosto de 1960. Em seus primeiros anos, o trabalho fundamental foi o de constituir as bases, os organismos em toda a ilha, tanto em zonas urbanas como rurais, sem dar prioridade a nenhuma delas. Tivemos muito cuidado para que as primeiras tarefas motivassem a incorporação das mulheres.

Essas primeiras tarefas incluíam a criação dos círculos infantis, a criação e participação nas academias de corte e costura, a incorporação das mulheres nas brigadas sanitárias, onde elas recebiam cursos de primeiros socorros. Nesse caso os cursos tinham dupla finalidade, porque a Federação nunca trabalhou separada de todo o processo revolucionário. Na paz, as brigadas aprofundavam os conhecimentos sobre os cuidados com os feridos, medicina preventiva etc; na guerra, acompanhavam nossos companheiros milicianos à frente de combate.

— Na frente mesmo ou na retaguarda?

— Nesse caso das brigadistas sanitárias, na retaguarda. Já no caso da invasão da praia Girón, em 1961, por exemplo, parte junto com os milicianos um grupo de mulheres integrando os pelotões de brigadistas sanitários, dando apoio ao trabalho de retaguarda e mesmo na vanguarda, curando feridos e tudo mais. Na zona onde fomos agredidos já estava organizada a Federação e de imediato as companheiras se puseram à disposição dos milicianos para ajudá-los em todos os trabalhos que tinham de fazer para defender a área. (1)



A revolução cubana começa em janeiro de 1959, quando os "barbudos" de Fidel Castro finalmente entram em Havana e põem em fuga o ditador Fulgêncio Batista. Nestes 20 anos a população passou de 6 a 11 milhões e a Federação de Mulheres Cubanas passou a congregar 81% das maiores de 14 anos no país.



Deram banho de cidade em 100 mil camponeses

Além das funções de aplicação imediata, que mais fazia a Federação?

— Nós também tivemos o cuidado de trabalhar com as vistas para o futuro. Trouxemos das zonas mais montanhosas, mais distantes da ilha, 100 mil moças camponesas. Elas vinham a Havana da serra Maestra e do Escambray, nas províncias mais ocidentais da ilha, para receber aulas de superação cultural e conhecimentos sobre tudo o que envolve hábitos de higiene, corte e costura etc. Aprendiam a fazer suas próprias roupas e, em geral, recebiam uma explicação sobre o significado da Revolução e as medidas que já estavam sendo tomadas.

O Hotel Nacional (2) foi fechado, e nele alojadas as moças. O primeiro contingente era de 14 mil, depois vinham grupos de duas mil, três mil. O objetivo era, entre outros, que elas retornassem aos seus lugares de origem para repartir com o resto da cidade o que haviam aprendido em Havana.

Ou seja, elas tinham um compromisso com a Revolução: quando voltavam às suas cidades, a Federação as ajudava a criar ali uma academia de corte e costura, dar aulas de bordado, de tecelagem, de política. Assim, essas 100 mil moças proliferaram de imediato o trabalho da Federação.

— Imagino que não foi muito fácil realizar esse plano.

— Claro que o inimigo tratou de torpedeá-lo. Com os agentes internos que tinha, começava a divulgar que os países que deixassem suas filhas entrar no plano não voltariam a vê-las, que as moças seriam enlatadas e enviadas à União Soviética... Para criar pânico, diziam que era a desintegração da família, enfim, um sem-número de coisas.

Com toda essa campanha, algumas famílias camponesas hesitaram. E tivemos que ir à procura do inimigo para enfrentá-lo diretamente. Que fizemos? No primeiro ano do plano, quando tínhamos aqui em Havana o primeiro contingente de camponesas, trouxemos todos os pais das moças para cá no Dia das Mães, para que se encontrassem.

E então ocorreu algo muito emocionante: havia pais que não reconheciam suas filhas! Pois enquanto recebiam essas aulas, elas recebiam também um tratamento médico. Todas vinham cheias de parasitas, a maioria não tinha a dentadura sã, tinham muitas cáries, ou lhes faltavam dentes. Providenciavam-se próteses, davam-se remédios para as doenças, elas aprendiam a arrumar os cabelos e a se vestir de maneira diferente... Enfim, eram levadas para a civilização, porque algumas dessas moças em toda a vida nunca tinham visto uma lâmpada! Nem utensílios sanitários, não sabiam de nada! Não sabiam de nada porque, na realidade, apesar da ilha ser pequena e não ter selvas fechadas, elas viviam totalmente separadas da civilização.

O encontro entre pais e filhas, então, foi a melhor mensagem que poderíamos ter levado a eles e o melhor ataque feito ao inimigo, porque esses pais, ao voltar para seus lugares de origem procuravam a Federação para incluir nos próximos contingentes as outras filhas...

Além disso, a moça que recebia essa formação e voltava era uma moça que procedia desse lugar, não era ninguém estranho a esse lugar, e era ela quem ia falar às outras sobre as medidas revolucionárias, era ela quem ia criar ali o núcleo da Federação.

Paralelamente a tudo isto, a Federação também participava ativamente na campanha de alfabetização, com as mulheres se incorporando não só como alfabetizadoras mas também como dirigentes da campanha, tudo sob o princípio da voluntariedade, claro.

Os homens
ainda
discriminam

E

o plano de recuperação de prostitutas, como foi?

— Esse plano era dirigido pelo Ministério do Interior. Mas trabalhava junto um grupo de companheiras da Federação. Foi um plano muito bonito.

Antes da Revolução havia mais de 100 mil prostitutas em Cuba, numa população de 6 milhões de habitantes, e esse número se referia somente às que exerciam a prostituição em centros organizados, em prostíbulos, havendo um sem-número delas que trabalhavam por sua própria conta e risco. Houve, então, uma fase inicial em que praticamente se obrigou as mulheres a se alfabetizarem. Fez-se um trabalho político muito direto com elas, para dizer-lhes da necessidade que tinham de aprender a ler e escrever. Pois o grosso das prostitutas eram analfabetas. O quadro era tétrico, como ainda é em toda a América Latina.

Aqui em Cuba, a maioria das prostitutas eram camponesas, trazidas à cidade com promessas de melhores condições de vida, de empregos, etc. Eram enganadas. Na recuperação, elas recebiam também tratamento médico para vícios com tóxicos e coisas do gênero, tudo dentro de um plano dirigido por psicólogos, psiquiatras e médicos.

Mas também eram atendidas as famílias. Porque essas mulheres tinham filhos, mãe e pai, o pai e a mãe bêbados, enfim, um lar que tinha de ser atendido socialmente. E quem cuidava dessa parte eram trabalhadoras sociais da Federação.

Ao lado desse atendimento imediato, as mulheres aprendiam sempre algum ofício — taquigrafia, datilografia ou a dirigir automóveis, ônibus, tratores —, de acordo com seu nível de inteligência e suas condições. E começavam a trabalhar sem que o lugar conhecesse sua procedência, porque o resto da sociedade podia oferecer algum tipo de resistência específica contra ela, e isso poderia torpedear todo o trabalho. Por outro lado, nunca se mandava trabalhar uma mulher que ainda não estivesse em condições para isso. Ela só se incorporava às tarefas quando tinha confiança em si mesma e estava reabilitada. Hoje, temos grandes testemunhos de mulheres universitárias que, antes, tinham sido prostitutas (3).

— E o machismo?

— Claro, não se pode ser idealista com relação a isso. Ainda existem algumas mentalidades em alguns companheiros, mas não podemos dizer que isso prevaleça na média. Existem alguns companheiros que mantêm critérios que são um pouco discriminatórios com relação à mulher. Num local de trabalho, por exemplo, eles aconselham o administrador no sentido de que o homem lhe traz menos problemas, porque não tem a maternidade. Na realidade, para sermos justos e honestos, não é isso que prevalece num sentido geral em nosso país.

O que prevalece é que a mulher é vista como companheira do homem e não como um objeto sexual. E a vocês, que vêm de uma sociedade capitalista podemos dizer, sem idealismo nenhum, que em nosso país realmente a mulher, na mentalidade do homem, desempenha o papel de companheira de luta, companheira de trabalho.

Outra coisa importante que eu queria destacar é que o trabalho da Federação é um trabalho *feminino* e não *feminista*, ou seja, nós não propugnamos a luta *contra* o homem, mas a luta *junto* com o homem. Temos o critério, e consideramos que é assim, de que a luta não é contra o homem mas contra o sistema social, contra estruturas caducas que não permitem uma sociedade justa.

— Como é a legislação cubana no que se refere à mulher?

— A Federação também participou diretamente na promulgação de todas as leis que se referem à mulher em nosso país. Integrou comissões legislativas, como a do Código da Família, a da nova Lei da Maternidade. Hoje, a mulher pode deixar o trabalho um mês e meio antes do parto e permanecer ausente até três meses depois. Isso é de obrigatório cumprimento e se cumpre em todas as empresas do país.

Além disso, durante o primeiro ano de vida da criança, a mulher tem um dia por mês para levá-la ao médico. Se a criança nasce doente, considera-se o tempo necessário para a mulher cuidar dela, sem prejuízo de seu salário ou de seu posto de trabalho. Há várias possibilidades de licença, muito bem detalhadas na Lei de Maternidade. A lactância está incluída nos três meses. Depois desse prazo a mulher tem de se incorporar ao trabalho normalmente, não pode sair para amamentar. Considera-se que três meses de amamentação é suficiente.

Há ainda outros detalhes importantes introduzidos na legislação, como os limites ao trabalho feminino, que só ocorre no que possa afetar a gravidez ou a fertilidade, e ao trabalho noturno feminino, também só limitado em prol das crianças.

Querem educar
o homem para
ser um igual

E

em que consiste o trabalho atual da Federação?

— A primeira etapa de trabalho que tínhamos era a de incorporar maciçamente as mulheres à Federação, à vida ativa da sociedade. Isso já aconteceu: temos incorporado uma média de 100 mil mulheres por ano desde os primeiros anos.

Assim, a partir de 69, 70, já entramos numa segunda etapa: foi acelerado o processo de capacitação e tecnização dessas mulheres, posto que, em dado momento,

elas deveriam entrar no trabalho, para a produção técnica já então elevada e, portanto, elas precisavam de técnica.

Atualmente, já na terceira etapa, a Federação está trabalhando para a igualdade da mulher, que de fato, pelo triunfo da Revolução, que dá todas as possibilidades à mulher; e de direito, do ponto de vista legal, também temos a igualdade em todas as leis revolucionárias. Mas é um fato que, para tornar isso realidade, a mulher deve atingir um determinado grau de superação cultural, porque se não está tecnicamente desenvolvida como o homem, é óbvio que não pode ocupar o mesmo posto de trabalho que ele.

Dai que o trabalho da Federação neste momento seja o de se aprofundar na superação cultural da mulher.

— Há muitas mulheres em cargos importantes no país?

— A Federação das Mulheres Cubanas tem tido extremo cuidado na designação de mulheres para tarefas importantes, como as de ministro, vice-ministro, tarefas do partido, tarefas da economia do país. Não queremos que seja escolhida pelo fato de ser mulher, mas por suas reais condições. A nós não nos preocupa que as estatísticas não nos preocupa no melhor sentido da expressão — sejam astronômicas quando indiquem a participação da mulher no Estado, no partido, e sim que isso corresponda realmente a uma superação da mulher e que, ao se designar uma mulher para ocupar um cargo de direção, leve-se em consideração suas reais condições. Não nos interessa realmente ter grandes cifras para exibir.

— Quais as condições que se dão à mulher para que ela possa trabalhar?

— Temos muitos planos para a mulher trabalhadora. Ela sempre tem prioridade nos círculos infantis, por exemplo. Há lavanderias públicas e isto está sendo incrementado, como todos os demais centros de serviço, embora ainda devamos incrementar muito mais. Mas ainda não podemos realizar todos os nossos planos nesse sentido, pelo menos não na medida do que Cuba desejaria. Porque tudo isso — construir lavanderias, criar indústrias de alimentos pré-fabricados etc. — foi torpedeado pelo bloqueio econômico que se fez contra nosso país.

No entanto, do ponto de vista dos recursos disponíveis na nação, fez-se o máximo nesse sentido. E, mesmo assim, ainda temos que trabalhar muito nos próximos anos, para facilitar à mulher os trabalhos domésticos. Porque ela tem de sobrecarregar, ela tem cargos de responsabilidade no partido, no governo e a nível de base, e na Federação, e ainda cuida da casa.

— Existe alguma campanha no sentido de estimular o homem a colaborar também nos trabalhos domésticos?

— Sim, claro. Isso foi todo um longo trabalho educativo. Veja, o problema da igualdade da mulher não pode ser visto de uma maneira esquemática. Não é porque existe uma lei que ela será rigorosamente cumprida por todos: pode haver a lei e dentro de casa o homem age como bem entende. Por isso essa mudança deve ser produto de uma educação e de uma prática. É um problema de mudança de mentalidade, é um problema educativo.

Tampouco o problema da igualdade da mulher diz respeito exclusivamente a ela: é um problema de toda a sociedade, é questão de vê-la como uma pessoa com todas as suas reais possibilidades para construir o país junto com o homem.

Temos tido o apoio de todo o governo. Todos os organismos de nosso país se colocaram à disposição dessa educação, isto é, não há um só organismo que não esteja tomando alguma medida.

O povo participa ativamente, como ocorreu com o Código da Família, que estabelecia a igualdade da mulher e foi amplamente discutido por toda a população, com todos os prós e contras.

NOTAS:

(1) Praia Girón: o episódio lembra a invasão de exilados cubanos, sob orientação da CIA, plano aprovado pelo governo Kennedy (1961). Os invasores foram derrotados na própria praia.

(2) um grande e sofisticado edifício no centro de Havana, de arquitetura parecida com a do Copacabana Palace, do Rio, e cercado por um parque.

(3) Loreta de Orfila, cujo marido é dono da editora mexicana Siglo XXI, passou vários meses em Cuba e teve acesso aos secretíssimos arquivos do Ministério do Interior sobre esse plano de recuperação de prostitutas: com base nos arquivos, entrevistou várias delas e no momento está preparando um livro a respeito.

CULTURA



Muita intimidade com o público.



No Teatro Pixinguinha (SP), a mesma reclamação do Rio: "Querem botar rédeas e trilhos no caminho do artista".

Autocríticas de Caetano Veloso: "Caetano Veloso é um gênio!"

A partir do LP *Muito*, o grande compositor e cantor brasileiro Caetano Veloso construiu o espetáculo do mesmo nome que apresentou no Teatro Pixinguinha, em São Paulo. O disco é o melhor do ano no Brasil, pela força do repertório, pelo amadurecimento do cantor e principalmente pela liberdade sonora. No Brasil, atualmente, vive-se a discussão entre o projeto de alcançar o padrão americano de produção de discos e um certo desleixo, não-criativo, "brasileiro" em relação ao problema. O disco *Muito* parece ser uma terceira coisa, livre dessa discussão, porque é um som espontâneo, simples, brasileiro; porque é um som lindamente elaborado e ao mesmo tempo não se prende à ambição de alcançar qualquer nível de padronização em termos de qualidade. É um som livre do padrão de qualidade Warner - embora isso seja dito aqui sem ódio ou desprezo: André Midani é o empresário mais inteligente na área das gravadoras, e o padrão Warner precisa amadurecer cada vez mais, para que desapareça essa prevenção em relação a ele como houve durante muitos anos contra o padrão Globo de qualidade. Entre Tom Jobim e Roberto Carlos, que gravam nos EUA; entre a Warner, que faz um trabalho positivo de levantar o nível da produção de discos no Brasil; entre a Odeon, que mantém um som de alta qualidade, meio acadêmico e a Phonogram, que não costuma ter um som muito bom, o LP *Muito* é de uma sonoridade

excepcional e demonstra uma imensa liberdade criadora por parte dos músicos que nele trabalham. Caetano Veloso anunciou há muitos anos e agora está começando a fazer isso, um som dele, com um grupo de músicos que trabalhe com ele. Esse é um dos aspectos, fundamentais do show, que acaba sendo esquecido pelas críticas, embora elogiosas. O show é principalmente um exercício de som entre Caetano e os músicos, um acontecimento cuja espontaneidade e musicalidade são irresistíveis. Esse tipo de trabalho, de formar uma banda - coisa que Chico Buarque não faz, nem Roberto Carlos, nem Gal Costa, mas que Gilberto Gil e Moraes Moreira fazem e que Caetano Veloso também deseja fazer - resulta numa coisa ativa, transforma a presença de Caetano Veloso no palco, na cena e no show-business brasileiro. É uma coisa tão ativa que leva Caetano a ter mais tranquilidade ainda para fazer a esculhambação que está fazendo com a crítica e com a repressão ideológica que andam por aí. Esse que é o show pretende ser um dos aspectos do espetáculo Caetano Veloso; um problema a lançar, que aconteceu com o Bicho Baile Show, que foi uma tentativa rajosa, uma batalha em determinado sentido, uma posição assumida. Não, é um show com uma liberdade como se fosse um show com Caetano e seu grupo, dito com muita clareza, simplicidade. Fugiu o som que ele está tirando é livre e libertador em si.

Caetano Veloso

Então é assim? Nada mudou em 10 anos?

O homem continua fazendo comício, furioso: "Político é político. Artista é artista"

Por Gilberto Galvão e Sandra Adams (fotos)

Muito à vontade, de shortinho, violão e acompanhado pelo seu conjunto A Outra Banda da Terra, Caetano Veloso estreou seu show em São Paulo, *Muito*. Para o público que lota o teatro Pixinguinha é faz tumulto na porta por causa da falta de ingressos, Caetano dá apenas mais um show, sem grandes pretensões de renovação.

E seria apenas isso, não fosse o pequeno comício que Caetano vem incluindo em todas as apresentações, tanto no Rio como em São Paulo: um discurso magoado e furioso, defendendo-se da onda de críticas que vem recebendo, das cobranças de uma parcela da imprensa e do seu público vem lhe fazendo, querendo dele participação política. No seu último espetáculo do Rio, atacou aqueles que chama de "idiotas da objetividade"; disse que ia "acabar com essa canalha"; esculhambou as revistas *Veja* e *Isto É*.

Esse espetáculo - na definição de Caetano Veloso - é a defesa da condição do artista diante de certo tipo de crítica.

"É a defesa do artista e de seu modo de ser, contra aqueles que tentam botar rédeas e trilhos no seu caminho. É um assunto que eu estou debatendo, falando e ao mesmo tempo aparece no show, nas canções do Roberto Carlos e nas que fiz para ele (*Muito Romântico*, *Força Estranha* e *Dois e Dois*). São canções sobre o artista".

A discussão, por certo delicada, cria ressentimentos e equívocos e traz à tona as relações entre o cidadão e o artista. O cidadão e o artista são coisas diferentes? É Caetano que tenta explicar:

"O artista é um tipo particular de cidadão. A sociedade pede, cria, demanda essas personalidades. A gente se forma assim, para cumprir um papel que é esse. O artista é um tipo específico de cidadão, particular,

sem nunca querer dizer que é superior nem extraordinário. Pelo contrário, ele tem seu lugar na sociedade, junto com os outros cidadãos, mas com uma tarefa específica. O Chico Buarque estava falando que, como cidadão, ele tem determinadas posições; e que usa a fama que a arte lhe deu, para colocar essas posições. Tudo bem. Mas o cidadão que faz uso desse outro é o artista. O cidadão Chico Buarque de Holanda é artista, vive disso. Quando fala coisas sobre política, as pessoas julgam sem se lembrar que ele é artista. Mesmo quando ele dá opiniões sobre política, o modo de ver dele é o do artista. O Fernando Henrique Cardoso escreve artigos, faz estudos, mas não faz o que o Glauber faz - ele tem outro tipo de intuição, outro modo de perceber as coisas. O Glauber tem um modo, o Chico também: um modo que é específico do artista dizer as coisas. E o que o cidadão Caetano Veloso pensa de política. Eu faço o mesmo que o Roberto Carlos, que disse: O que eu acho politicamente, não quero dizer a ninguém; isso é um problema do cidadão Roberto Carlos Braga.

O Guilherme Araújo leu o Chico dizendo que fez um *jingle* para uma campanha de deputado no Rio. O Guilherme disse assim: 'Por que o Chico não se candidata? Devia se candidatar ele; seria uma coisa linda'. Mas ele não é político. Então chegamos aqui. Alguém tem que fazer a música de *jingle* da campanha, e alguém tem que ser o candidato, e cada cidadão cumpre o seu papel. Claro que não é nada fechado, o sujeito que é artista só saber tocar violão. Sabe de política, dá suas opiniões, mas não é o grande peso".

É importante lembrar que essa discussão já é velha, e que Caetano Veloso já respondeu ao mesmo tipo de ataque. No célebre discurso que ele fez no teatro da PUC de

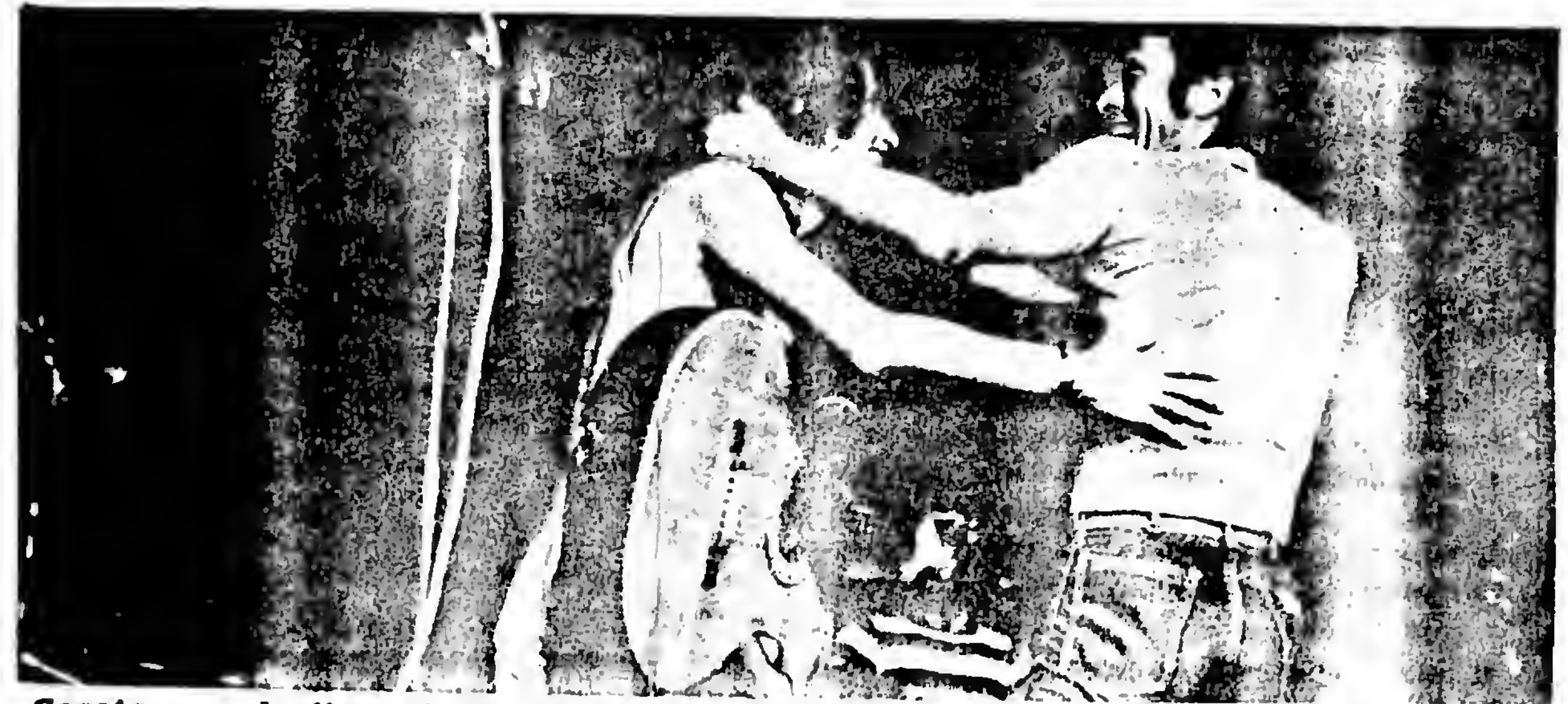
São Paulo, em 1968, num dos festivais de música popular da época, enquanto o conjunto tocava "É Proibido Proibir, vociferou contra quem "não estava entendendo nada":

"É essa a juventude que está querendo tomar o poder"... "Vocês são iguais aqueles que foram à Roda Viva (peça de Chico Buarque, encenada em 1968 por José Celso Martinez, que sofreu um ataque do Comando de Caça aos Comunistas) espancar os atores"... "Vocês estão querendo policiar a música brasileira"... "Se vocês em política forem como em estética, não sei..."

Tudo isso para uma platéia enlouquecida, que vaiava, uivava, gritava, jogava coisas no palco; uma platéia composta por aqueles que, numa época de convulsão política, achavam Caetano alienado e reacionário, mas que esperou sua volta de Londres como grande líder político e hoje volta a questioná-lo nos mesmos moldes.

"Eu acho tudo igual, eu acho que eu continuo dizendo a mesma coisa. Eu tenho a impressão de que eu já cheguei ao meu poema fundamental. Uma pessoa só faz um poema, e vai se aproximando dele. Eu vejo o mesmo poema o tempo todo, eu vejo a mesma coisa. Essa coisa de 68, o esporro do TUCA, a briga na FAU, quando eu fui com o Augusto de Campos, Décio Pignatari, Torquato Neto, Gilberto Gil e outras pessoas debater o Tropicalismo com os estudantes e o modo como eles agrediram a gente, jogando bananas.

A nossa prisão, o exílio, a volta, o modo como eu voltei para o Brasil, o modo como eu me apresentei, as coisas que eu escolhi para cantar, o que eu disse quando cheguei, a minha relação com o Brasil esse tempo todo, e com o mundo, com a vida, isso já é um poema que eu já reconheço, é a mesma coisa, eu continuo dizendo a mesma coisa, exatamente a mesma coisa."



Cocotas na platéia, músicos levando apelo.

a palavra do Papa**Ao encontro da
expectativa do homem**

Nestes dias os cristãos estão a viver o período litúrgico do Advento que é a preparação imediata do Natal. Advento quer dizer "vinda", isto é, vinda de Deus ao meio dos homens para tomar parte nos sofrimentos deles e promover a alegria na vida dos mesmos. Hoje desejaria dizer-vos quem é o homem, que é chamado ao encontro e à amizade com o Senhor.

As primeiras páginas da Bíblia dizem-nos que Deus criou o homem à sua imagem. Isto quer dizer que o homem todo, todo ser humano, tem parentesco especial com Deus. Embora pertencendo à natureza e ao mundo animal, cada um de nós diferencia-se de algum modo de todas as outras criaturas. Sabeis que alguns cientistas afirmam que o homem depende da evolução da natureza e inserem-no na transformação mutável das várias espécies. Estas afirmações, na medida em que estejam verdadeiramente provadas, são muito importantes porque nos dizem que devemos respeitar o mundo natural de que fazemos parte.

Mas, se descemos ao íntimo do homem, vemos que ele se distingue da natureza mais do que a ela se assemelha. O homem possui o espírito, a inteligência, a liberdade e a consciência; por isso mais se parece com Deus do que com o mundo criado. É ainda o primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, que nos diz que Adão impôs nome a todos os animais do céu e da terra, demonstrando assim a própria superioridade em relação a eles; mas, em todos estes seres, "o homem não encontrou para si uma auxiliar adequada." Nota que é diverso de todas as criaturas vivas, embora dotadas como ele de vida vegetativa e sensitiva. Poder-se-ia dizer que este primeiro homem faz o que normalmente realiza todo homem de qualquer época, isto é, reflete sobre a própria identidade e pergunta-se quem é ele próprio. O resultado de tal atitude é a verificação de uma diferença fundamental: eu sou diverso de todo o resto, sou mais diverso do que parecido.

Tudo isto nos ajuda a compreender melhor o ministério do Advento que estamos a viver. Se Deus "vem" ao homem, fá-lo porque no ser humano há uma capacidade de expectativa e de acolhimento, como não existe em nenhuma outra criatura. Deus vem para o homem, ou melhor, Deus vem ao homem e estabelece como ele uma comunhão particularíssima.

Por isso convido-vos, enquanto esperais o santo Natal, a reservar-lhe lugar, a preparar-vos para o encontro com Ele a fim de que Ele encontre em cada um de vós a sua imagem verdadeira, clara e fiel.

(João Paulo II — audiência na Basilica Vaticana, dia 6 de dezembro).

Na rua, criança fala do Natal

Semana passada Marco, o durão, que vivia debaixo de um viaduto e agora está na FEBEM, nos contou que para ele o Natal é muito mais medo da sereia da R.P. e dos apitos dos guardas do que sininhos e Noite Feliz.

Mas não há só trombadinhas em S. Paulo. Para as outras crianças com quem cruzamos, na cidade, que é o Natal?

Camisetas brancas, calções vermelhinhos, os pequenos as vezes vêm de longe, são filhos das domésticas que trabalham nas redondezas. Muitos são da vizinhança mesmo, do modesto bairro classe média onde fica o parquinho. Seus pais são o barbeiro, os donos da tinturaria, uma professora, uma costureira...

"Natal? Num sei não... É festa, mas do que num sei..." diz Evelyn, uns seis, sete anos, como quase todos.

As "tias" se desesperam:

"É isso, a gente ensina tudo, faz presépio, conta a estória do Menino, canta todas as canções... mas o consumismo, a TV falam mais alto, é só compra, compra, compra! É um desastre!"

Patrícia, Andréa, Luila, para todas é o mesmo:

"Festa... Pai Noel... Presentes..."

"Enfeites, luzes, presentes..." é o Wagner quem fala, o branco enorme dos olhos brilhando muito na carinha preta.

O parquinho está todo enfeitado, tem árvore, Papai Noel e suas botas, estrelas, sinos e ... ufa! o presépio.

"Presépio? É um enfeite pra alegrá a gente", diz Zilda.

Vem a gorduchinha Helô, de quatro anos, contar a sua estória do último Natal:

"Natal é o dia de uma pessoa muito importante da minha religião. É um dia muito sagrado, mas de muito amor e muita alegria", é Marcia quem diz, solene nos seus onze anos. "Nessa família toda vem para um grande jantar, onde é servido sempre vinho e pão".

Na família das outras duas meninas, só os avós praticam a religião, judias.

"Mas como moramos no Brasil comemoramos a festa também, ganhamos presentes. Eu acredito em Deus, acredito em todos os deuses, não tenho preferência. Eu não tenho uma religião mas sou religiosa, então tenho o direito de festejar o Cristo, se ele é filho do Deus que eu acredito, num é?"

Verônica, a irmã mais nova, não sabe explicar bem qual é a festa judia que se comemora no dia de Natal na casa de seus avós:

"A família toda se reúne, todos os tios e primos, e a avó já escondeu o pão especial, o massah. Nós reviramos a casa, nós os netos, para achar o massah; e quem encontra ele ganha um prêmio, um presente especial, além dos outros que todos ganhamos".

M. A. R. A.

A família de Marcos é protestante.

É a festa de Deus

Aqui se compra e se vende, se come e se bebe. Demais, demais da conta. Tudo é demais: as luzes, os sons, as gentes, os anúncios, a correria, o calor, o cansaço... É um shopping center de luxo, de luxo demais. E tudo é demais por que... é Natal!

Carlos, doze anos, Patrulheiro, está trabalhando no supermercado, o superforno, das treze às dezessete horas, ganhando trezentos por mês da firma e uns cem por dia de gorjetas.

"Natal mal, né?"

Ele não conhece o aniversariante, embora saiba que se festeja um aniversário.

"Você nunca ouviu o Roberto Carlos cantar a música Dele, o Jesus Cristo?"

"Ah! Ele é esse mesmo? Nunca prestei muita atenção na letra..."

Em volta de um Papai Noel se juntam muitas crianças pequenas comovidas e crianças não tão pequenas passam indiferentes.

Quiqui, os olhos verdes escancarados, pula, dá cambalhotas, dança, se achega e dispara para longe, chupando nervosamente uma bala que atrapalha ainda mais sua fala atrapalhada:

"O Natal? Eu gosto sim. Eu vi êle inda gôrinha mesmo. Ôia êle alí, ôia êle!"

É a primeira vez que encontra um Papai Noel.

Dois boys miúdos param estatelados ao ouvir a lista de pedidos de um menino muito bem nutrido: robôs, relógio digital, sabe lá que mais...

"Pô, nem sabia que isso tudo existia! Quem s ôeu pra sonhá cum issos! Simbóra, temus em serviço".

E lá se vão ainda meio atordoados com os desejos do gorducho.

PLIMEC

5/ Maria Beatriz
Palma Martinez
(letra) e
Roseli
Anastácio
(música), as
vencedoras.
O 1.º lugar
para
o símbolo
do PLIMEC
foi ganho
por
Marly Ladik
Antunes.

TEM HINO E SÍMBOLO

NÓS, DO PLIMEC, ESTAMOS AQUI PRA AJUDAR;
ABRA O CORAÇÃO: VENHA CONOSCO CANTAR!
(Estribilho)

- (1) Não fique só, num canto, sem carinho,
Não fique triste, sem amor,
O olhar perdido ao longe, sem saber
O que fazer do amanhã.

(Estribilho)

- (2) Dar segurança, amor e compreensão
É necessário ao menor.
Bem orientado e com educação,
Verá o mundo bem melhor.

(Estribilho)

- (3) Com bem-estar, amparo e saúde
Conquistará a/sã virtude.
Recreação também é diretriz,
Para o menor ser mais feliz.

(Estribilho)

- (4) Filhos e pais, unidos pelo amor,
É indispensável ao viver;
Esta união lhes traz a confiança
Em um futuro promissor.

(Estribilho)

- (5) A esperança de um novo amanhecer
Está no Amor, que é doação.
Nosso PLIMEC existe prá você,
A fim de haver integração.

(Estribilho)

A Secretaria da Promoção Social instituiu um concurso para a escolha do símbolo, do lema e do hino do Plano de Integração do Menor e Família na Comunidade (PLIMEC) entre as pessoas que nele trabalham. Já foram escolhidos os vencedores do concurso por uma comissão julgadora integrada pelo assessor de Comunicação Social, Glauco Mota Carneiro, pela coordenadora do PLIMEC, Adriana Josefa Ferreira Chaves, e pelo assessor do Gabinete, Manoel Antônio Franceschini.

Foram escolhidos somente o hino e o símbolo, uma vez que a apresentação dos trabalhos referentes ao lema do PLIMEC não satisfizeram as condições técnicas desejadas pela Comissão Julgadora.

O hino escolhido pela comissão foi o de autoria de Maria Beatriz Palma Martinez (letra) e Roseli Anastácio (música), ambas do PLIMEC de Assis, que ganharam cada uma 3 mil cruzeiros. Houve ainda prêmios para o segundo e terceiro lugar, além de menção honrosa para o quarto e quinto colocados.

O primeiro lugar para o símbolo foi ganho por Marly Ladik Antunes, do PLIMEC de São Bernardo do Campo. Como prêmio, Marly recebeu 4 mil cruzeiros; havendo prêmios ainda para o segundo e terceiro lugar e menção honrosa para o quarto colocado.

A comissão não selecionou nenhum lema que representasse oficialmente o PLIMEC, mas foram distinguidas quatro menções honrosas para Célia Regina de Andrade, do PLIMEC de Oswaldo Cruz; Sônia Maria Negreiro Carvalho, do PLIMEC de Piratinin-ga; Vera Lúcia de Abreu Ribas, do PLIMEC de Bauru e Carlos Eduardo Moretto, do PLIMEC de Bocaina.

HINO DO PLIMEC

O hino vencedor do primeiro prêmio foi o de autoria de Maria Beatriz Palma Martinez (letra) e Roseli Anastácio (música), ambas representantes do PLIMEC de Assis.

Maria Beatriz era coordenadora do Plano em Assis quando escreveu a letra vencedora; atualmente faz parte da equipe da FEBEM/SP. Ela conta

que a idéia de fazer uma música que representasse o Plano na região era mais antiga do que o concurso.

Logo que teve início o trabalho do PLIMEC em Assis, em 1976, ela, como coordenadora, teve a idéia de fazer um hino que servisse de ponto de união do grupo de monitores e ao mesmo tempo fosse uma maneira de difundir o plano.

A idéia era criar um centro de interesse que motivasse a criança e a ajudasse a desenvolver suas aptidões. Por acaso seria a música, porque tanto os monitores como as coordenadoras gostavam de cantar. Por isso, depois do trabalho diário, as monitoras permaneciam em grupo, cantando músicas que depois seriam utilizadas no trato com as crianças. O hino nasceu dessas reuniões.

“Nós acreditamos que a música é uma linguagem universal que expressa o que vai na nossa alma. A criança recebe a mensagem através dela e entende bem o que ela transmite.” — explica Maria Beatriz.

Tendo em vista a criança, a quem o hino é dirigido, Maria Beatriz escolheu uma letra bem simples, cuja mensagem é bastante objetiva e fácil de entender. A idéia principal é

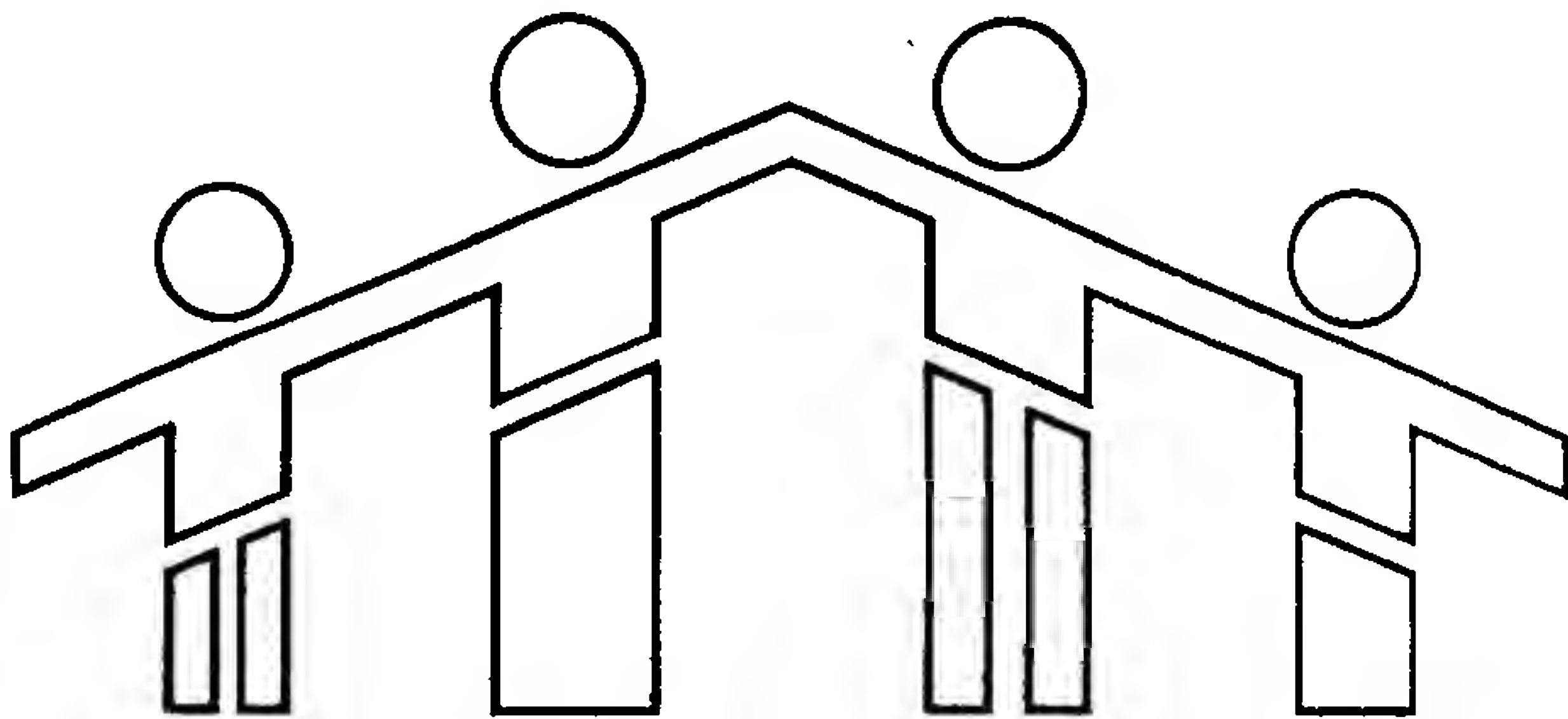
mostrar a alegria das monitoras do PLIMEC em receber as crianças e a idéia de quanto gostam de trabalhar por ela.

Depois que o hino foi composto, era praxe do PLIMEC de Assis que todas as crianças cantassem a sua canção no início e término das sessões. Para isso, foram utilizados instrumentos feitos por elas mesmas, doados ou comprados. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que faziam do hino uma forma de união, desenvolviam a criatividade e se expandiam através da música.

Quando foi instituído o concurso para a escolha do hino do PLIMEC, Maria Beatriz resolveu inscrever o seu, que já representava o PLIMEC de sua cidade.

“As coisas que já estão tendo efeito não devem ser mudadas” — afirmou Maria Beatriz. “A nossa experiência com a música poderia ser aproveitada em outros PLIMECs”.

Reconhecendo a força do hino que tão bem serviu para a aproximação das crianças do PLIMEC da região de Assis, a Comissão Julgadora deu o primeiro prêmio a Maria Beatriz e Roseli. Agora o hino não é mais apenas do PLIMEC de Assis, mas do Estado de São Paulo.



PLIMEC

MENOR E FAMÍLIA CONSTRUINDO A COMUNIDADE

SECRETARIA DA PROMOÇÃO SOCIAL DE SÃO PAULO

**I SIMPÓSIO
ESTADUAL DO
PLIMEC**

Para avaliar seu mais importante programa de prevenção à marginalização, a Secretaria da Promoção Social realizou, de 26 a 28 de setembro, no auditório da Liga das Senhoras Católicas, em São Paulo, o I Simpósio Estadual do PLIMEC (Plano de Integração do Menor e Família na Comunidade).



O presidente da FEBEM, Celso Giusti, explica os programas da SPS. Ao lado, Glauco Carneiro, Laura Bessa Rodrigues e Adriana Chaves



O painel reuniu representantes de várias regionais

**DEBATIDOS TODOS OS ASPECTOS
DO MAIOR PROGRAMA PREVENTIVO**

Ao certame, que é um dos eventos que marcam, no Brasil, a comemoração do Ano Internacional da Criança, compareceram perto de 500 pessoas, entre funcionários, técnicos, assistentes sociais e diretores da Secretaria da Promoção Social, coordenadores do PLIMEC e dirigentes de obras sociais de todo o Estado.

A abertura oficial do Simpósio foi realizada às 10 horas do dia 26, em solenidade presidida por Dona Lila Egydio Martins, senhora do Governador do Estado, e pelo secretário Mário Altenfelder. Compunham a mesa, ainda, a senhora Maria de Lourdes Schmidt, presidente da Liga das Senhoras Católicas, o professor José Mauro Volpon, diretor da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), a professora Adriana Josefa Ferreira Chaves, coordenadora geral do PLIMEC, e o prefeito José Antonio Maranhão, de Paulínia, representando os chefes de Executivos municipais presentes. A presidência executiva do Simpósio coube ao dr. Agostinho Celso Cilento Giusti, Chefe de Gabinete da Secretaria da Promoção Social e presidente da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FEBEM/SP).

CONFERÊNCIA DO PALÁCIO

Ao falar na abertura do Simpósio, o secretário Mário Altenfelder anunciou, para o próximo ano, a realização da Conferência do Palácio dos Bandeirantes, com o objetivo de dar continuidade, no próximo governo, aos programas sociais iniciados na administração Paulo Egydio Martins. Depois, falando sobre o Simpósio, Mário Altenfelder explicou que tinha um caráter prático, pois, no auditório, estavam representadas 200 mil crianças, sob a responsabilidade dos coordenadores do PLIMEC e dos diretores de obras assistenciais particulares. Lembrou ainda que o Simpósio era uma das solenidades que marcavam o início do Ano Internacional da Criança, previsto para 1979 mas cujas comemorações foram antecipadas, no Brasil, para o segundo semestre de 1978.

“O Ano Internacional da Criança marca o 20.º aniversário da aprovação, pela Organização das Nações Unidas, dos princípios que constituem os Direitos Universais da Criança. Isso aconteceu em 1959 e coroou uma luta iniciada em 1924, em Ge-

nebra, quando primeiro se falou em proteger a criança. O Simpósio do PLIMEC marca, também, o 30.º aniversário da I Semana de Estudos dos Problemas do Menor, realizada, em 1948, por desembargadores, juízes e promotores do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo”, lembrou o secretário Mário Altenfelder.

Prosseguindo, ressaltou que o PLIMEC, um programa que já existe em 190 municípios paulistas e atende a mais de 114 mil menores, é um importante meio não só de atender ao menor marginalizado como de criar uma nova mentalidade em toda a população. Para isso, ele lembrou o quanto é importante o trabalho realizado por D. Lila Egydio Martins junto ao voluntariado. Através do Fundo de Assistência Social do Palácio, a senhora do Governador tem feito reuniões em quase todos os municípios do Estado, falando sempre sobre o sentido de um trabalho comum em benefício da comunidade.

FORTALECIMENTO DA CRIANÇA

Falando a seguir, D. Lila Egydio Martins frisou que “o PLIMEC é o primeiro plano que realmente fortalece a criança, pois transcende o seu universo e trata também da família e da comunidade. Sua filosofia representa a visão do Governo do Estado sobre a aplicação dos programas sociais”. Lembrou “que não se pode integrar o menor ao que, ainda, não existe. E o que está faltando a nossas cidades é justamente maior integração, a ação conjunta. Isso, sim, é comunidade. Isso é o acréscimo maior que o PLIMEC vem trazer ao desenvolvimento social de nosso Estado. Mais: essa é a missão e a vocação do trabalho sinceramente devotado à soma dos esforços, à integração de iniciativas de pessoas e das diferentes faixas etárias”. Acreditamos no PLIMEC por conter e manifestar o núcleo das diretrizes da atual Administração do Estado, que é governar com a participação da comunidade”, concluiu a Senhora do Governador Paulo Egydio Martins.

SOLENIIDADES

Após as palavras de D. Lila Egydio Martins, as crianças do PLIMEC de Poá apresentaram-se em jogral, apresentando os “Direitos Universais da Criança”. Também o coral da Se-

cretaria da Promoção Social se apresentou, interpretando diversas músicas de nosso cancioneiro. Depois, todos os presentes cantaram o Hino Oficial do PLIMEC, escolhido em concurso promovido pela Secretaria da Promoção Social, com letra de Maria Beatriz Palma Martinez e música de Roseli Anastácio, ambas do núcleo de Assis.

Encerrando a programação da parte da manhã e dando início aos trabalhos do Simpósio propriamente dito, o secretário Mário Altenfelder falou sobre a “Declaração Universal dos Direitos da Criança como Fundamento à Proteção do Menor. Inicialmente, ele historiou os esforços que se desenvolvem desde 1924, quando, em Genebra, se falou, pela primeira vez, em direitos da Criança, que só foram realmente codificados pela ONU em 1959. Para mostrar a seriedade do trabalho desenvolvido no PLIMEC e o caráter especializado no tratamento da criança, o Secretário Mário Altenfelder disse que todas as especificações desse programa seguem os itens da Declaração Universal dos Direitos da Criança. Muito emocionado, mostrou que esses direitos raramente são respeitados e que toda a população deve estar vigilante na proteção dos menores. “Nesse sentido — disse — o PLIMEC é um grito de alerta, além de uma tomada de posição da criança, da união da família e da unidade da Pátria”. Comentou ainda, item por item, os Direitos da Criança, mostrando como esses princípios são seguidos pelo Brasil e o esforço que organizações internacionais, como o Instituto Interamericano da Criança, fazem para que esses direitos sejam respeitados em todos os países da América.

No período da tarde, foram realizados os debates de avaliação do PLIMEC, para a elaboração de um documento, “O PLIMEC é uma das respostas para o problema da marginalização do menor e família”. O documento, elaborado previamente por comissões especiais, foi estudado e discutido em grupos, que sugeriram várias alterações, propostas por relatores especiais de cada grupo. Em seguida, as alterações foram aprovadas em assembléia e eleita uma comissão para a redação final, uma vez que, ao término do Simpósio o documento seria entregue oficialmente ao Secretário da Promoção Social.

I SIMPÓSIO ESTADUAL DO PLIMEC



**"O PLIMEC
é sucesso na
recuperação do menor".
(Fawler de Melo,
presidente da
FUNABEM)**

SITUAÇÃO NO BRASIL

"A solução do problema do menor está intimamente ligada ao fortalecimento da família. E a paternidade responsável só é possível quando se criam condições para que a família possa educar seus filhos. Portanto, ~~conclui-se que a solução do problema~~ do menor está na estrita dependência da melhoria das condições de vida das populações marginalizadas", afirmou o presidente da FUNABEM, Fawler de Melo, na abertura do segundo dia de trabalhos do Simpósio. Convidado especial, Fawler de Melo pronunciou conferência sobre "A situação de marginalização social do menor e família e proposta para solução do problema no Brasil". Explicou aos participantes as diretrizes nacionais da política do bem-estar do menor, mostrando que, seguindo essa política, o PLIMEC é o programa que mais tem obtido sucesso na recuperação e integração de menores carentes.

O presidente da FUNABEM lembrou que a solução do problema do menor é de responsabilidade do Governo e da comunidade: "É inegável o esforço do Governo em melhorar as condições de vida da população brasileira, mas também é evidente que esta melhoria não depende da ação setorializada, mas, pelo contrário, da ação integrada do Governo e da Comunidade no bojo de um planejamento que alimente, ao mesmo tempo, o crescimento econômico, social, político e cultural".

Depois, revelou os números alarmantes da população marginalizada no Brasil. Segundo recentes estudos da Fundação Getúlio Vargas, existem no Brasil cerca de 30 milhões de pessoas em situação de grande pobreza e, neste grupamento, 53% são jovens. "Não se pode deixar de reconhecer — concluiu Fawler de Melo — que esta população carente encontra sérios obstáculos para o seu desenvolvimento biológico, psicológico e social, e que devemos sanar esses obstáculos através de programas integrados, como o PLIMEC".

No período da tarde do segundo dia do Simpósio, foi realizado painel, em que se debateu o PLIMEC como sistemática de atuação na área preventiva, com a participação da coordenadora geral, Adriana Ferreira Chaves, da diretora da Divisão Regional de Promoção Social do Litoral, Laura Bessa Rodrigues, de um coordenador regional, um técnico de campo e 2 coordenadores locais do PLIMEC. Depois, cada regional expôs, rapidamente, os aspectos principais e resultados obtidos com o programa.

A diretora regional do Litoral destacou a importância do plano, visto que abrange não só o menor, como sua família, e lembrou que antes do PLIMEC, o atendimento aos carentes era feito separadamente. Assim, enquanto um determinado grupo cuidava da família, outros davam assistência ao menor e a outros grupos. Essa dissociação não mais existe e permite obter-se melhores resultados em menor prazo.

A dotação de mais verbas para o setor preventivo foi enfatizada pela coordenadora geral do PLIMEC, Adriana Ferreira Chaves, para que os objetivos principais do plano, integrar o menor e família na comunidade, sejam atingidos.

TRABALHO NAS REGIONAIS

Na manhã do último dia do simpósio, cada regional expôs rapidamente, os aspectos principais e resultados obtidos com o programa.

Ao fazer uma avaliação dos PLIMECs da Grande São Paulo, a coordenadora geral mostrou que os programas ainda estão no início, porque os municípios próximos da Capital são habitados, em sua maioria, por operários que trabalham o dia inteiro em cidades vizinhas e não possuem qualquer vínculo comunitário. Por isso, a única maneira dos coordenadores entrarem em contato com a população, até agora, foi através de comemorações e festas nacionais.

No Vale do Ribeira, considerado uma das regiões mais pobres do Estado, os coordenadores do PLIMEC tiveram que se adaptar à falta de infra-

-estrutura do local e estabelecer, em regime de emergência, um atendimento diário às crianças, com ênfase especial à área da saúde.

Já no Vale do Paraíba e em Sorocaba, o PLIMEC atentou para as mudanças de comportamento dos menores atendidos, desenvolvendo um acompanhamento particular entre as crianças que apresentam problemas de agressividade e anti-sociabilidade.

A Divisão Regional de Campinas mostrou o sucesso alcançado em sua área com a I Olimpíada Regional do PLIMEC, que possibilitou a reunião e troca de experiências de todos os 25 núcleos do plano e que atendem a 18.735 crianças.

Em Ribeirão Preto, o PLIMEC tem-se preocupado especialmente com o aspecto saúde e nutrição das crianças e dos pais atendidos, uma vez que a grande maioria da população carente da região é constituída por "bóias-frias" que não possuem qualquer tipo de assistência deste nível.

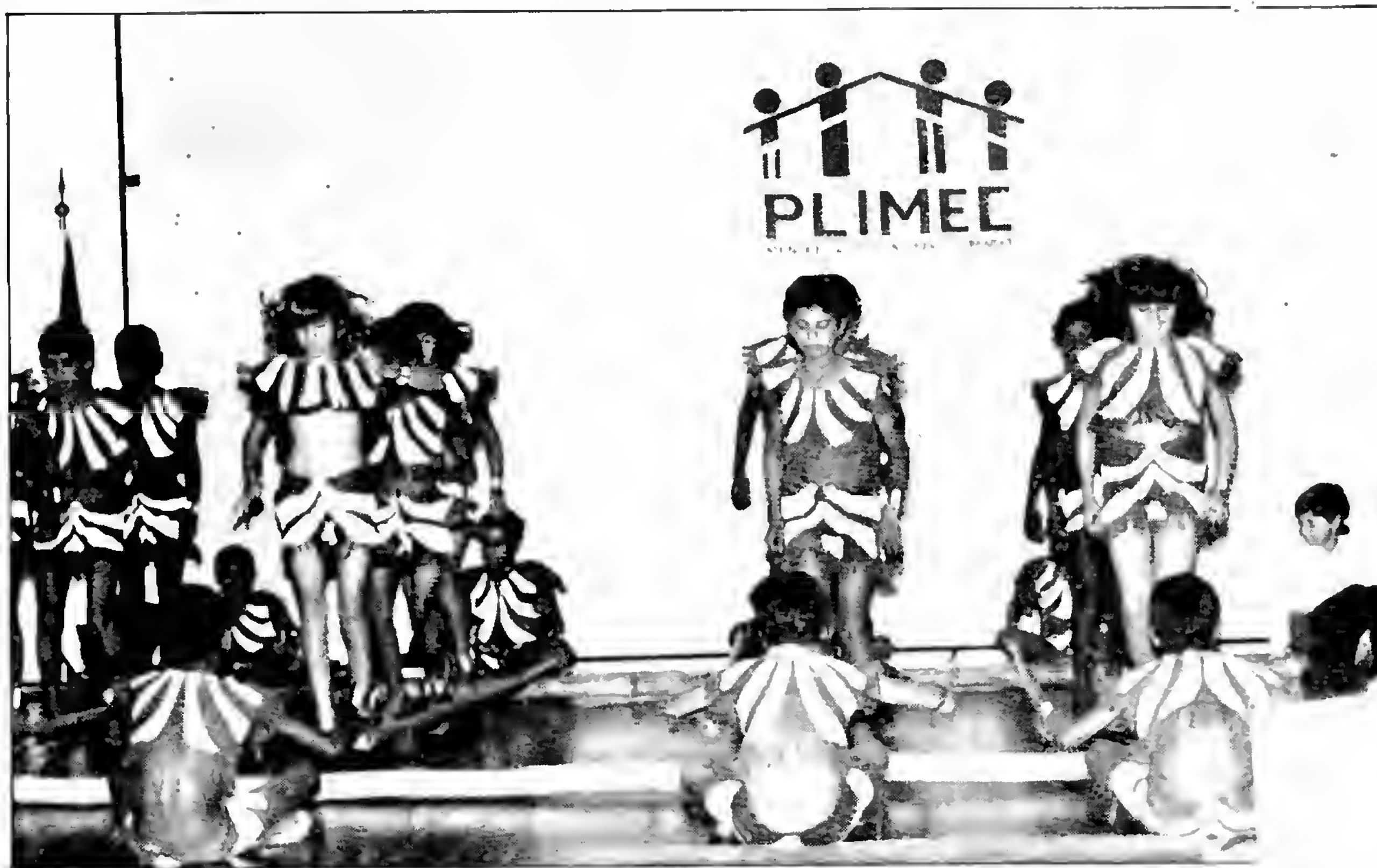
A Regional de Bauru demonstrou a importância dos símbolos utilizados no PLIMEC, como uma forma de coesão entre os grupos de crianças por eles representados.

São José do Rio Preto mostrou o trabalho desenvolvido com a comunidade rural da região, principalmente os adultos que começam a se organizar comunitariamente e resolver, em conjunto, os seus problemas.

Em Araçatuba está se desenvolvendo um trabalho de profissionalização das crianças de 15 a 18 anos através de entidade particular que forma, depois de 3 meses de curso, serralheiros, soldadores elétricos e torneiros mecânicos.

Presidente Prudente desenvolve um trabalho especial do PLIMEC no Pontal do Paranapanema, principalmente no município de Teodoro Sampaio, o mais pobre da área. Além de atender às crianças carentes da região, o PLIMEC pretende incluir em sua ação as ilhas do Rio Paraná que apresentam problemas sérios de enchentes, além de pobreza absoluta. Finalmente, o município de Marília mostrou a importância do monitor que atua no PLIMEC, principalmente no que se refere à sua habilidade de relações humanas.

N.º 16 - DEZEMBRO 1978



A dança do bambu, por crianças do PLIMEC de Andradina



Monitores do PLIMEC de Araçatuba fazem o coro para dança do bambu

ENCERRAMENTO

No encerramento do Simpósio, dia 28, à tarde, o Chefe de Gabinete da SPS e presidente da FEBEM/SP, Agostinho Celso Cilento Giusti, falou que o PLIMEC não tem substituto na prevenção da marginalidade social. Falando em nome do secretário Mário Altenfelder, o presidente da FEBEM/SP explicou a importância do PLIMEC e de outros programas desenvolvidos pela Secretaria da Promoção Social, todos com o objetivo

de evitar a marginalização. "O próprio governador eleito, Paulo Maluf, falando na Assembléia, quando de sua diplomação, confirmou a continuidade, em seu governo, dos programas de prevenção da marginalidade", afirmou Agostinho Celso Cilento Giusti.

Depois, houve show com crianças do PLIMEC, que apresentaram números como a "dança do bambu", a "catira" e números com palhaços, além de uma participação especial da cantora Inezita Barroso.